



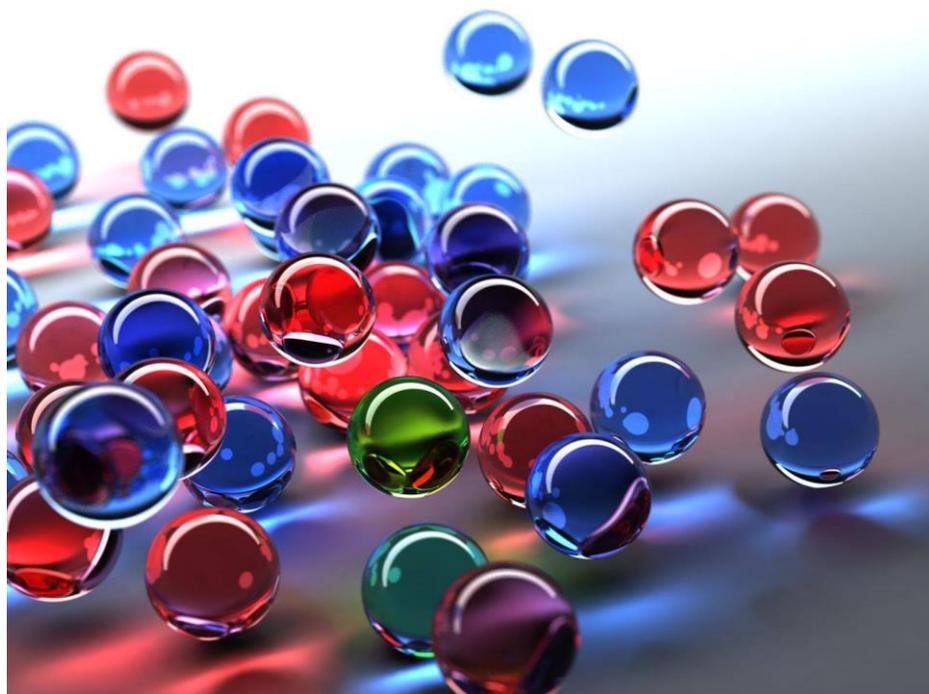
Universidade Federal do Paraná
Programa de Pós-graduação em Letras
Grupo de Pesquisa Identidade e Leitura
Núcleo de Assessoria Pedagógica



ANAIS

**FÓRUM INTERNACIONAL DE CULTURA,
LITERATURA E LINGUÍSTICA APLICADA:
práticas e transgressões**

07 a 09 de novembro de 2018



Apresentação

Este congresso, organizado pelo Grupo de Pesquisa Identidade e Leitura em parceria com o Núcleo de Assessoria Pedagógica da UFPR e promovido pelo Programa de Pós Graduação em Letras da UFPR, teve sua proposta concebida em homenagem ao Professor Dr. Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (USP), cujo nome se tornou referência nas áreas de Linguística Aplicada, Estudos Culturais e Literatura, tanto no Brasil quanto internacionalmente.

Os objetivos da primeira edição do FICLLA voltaram-se a envolver o público em geral nos temas de pesquisa apresentados, de forma a proporcionar a todos e todas a oportunidade de contribuir para a discussão acadêmica dos assuntos abordados, bem como aproximar opiniões “leigas” de “especializadas”, construindo conhecimento de forma mais democrática. Desse modo, as modalidades de apresentação de trabalho propostas diferenciaram-se dos formatos normalmente presentes em congressos e eventos acadêmicos.

O congresso foi organizado em torno de Rodas de Conversa entre as e os presentes, de forma a possibilitar a participação mais ativa de todas e todos, e Pôsteres Temáticos, com o intuito de construir espaços de apresentação mais dinâmicos e dialógicos entre as e os diferentes participantes. Houve também um Simpósio denominado *Mandala* com a participação de apresentadores convidados.

Comissão Organizadora:

Adriana Cristina Sambugaro de Mattos Brahim (SEPT - UFPR)
Anderson Nalevaiko Marques (IFPR - Curitiba)
Camila Haus (Celin UFPR)
Cielo Griselda Festino (UNIP)
Clarissa Menezes Jordão (DELEM - UFPR)
Denise Akemi Hibarino (SEPT - UFPR)
Denise Mohr (Celin UFPR)
Isabel Cristina Vollet Marson (UEPG)
Jhuliane Elevyn da Silva (PPGL - UFPR)
Juliana Zeggio Martinez (DELEM - UFPR)
Marcele Garbin Dagios (UTFPR - Pato Branco)
Zelir Maria Bieski Franco (PPGL e SEPT - UFPR)

Comissão Científica:

Ana Paula Martinez Duboc (FE - USP)
Anderson Nalevaiko Marques (IFPR - Curitiba)
Andréa Machado de Almeida Mattos (UFMG)
Clarissa Menezes Jordão (UFPR)
Denise Akemi Hibarino (SEPT - UFPR)
Eduardo Henrique Diniz de Figueiredo (UFPR)
Jamille Pinheiro Dias (USP)
Juliana Zeggio Martinez (UFPR)
Junia Mattos Zaidan (UFES)
Luiz Henrique Magnani (UFGJM)
Marcele Garbin Dagios (UTFPR - Pato Branco)
Martha Julia Martins de Souza (UFRR)
Nara Hiroko Takaki (UFMS)
Souzana Mizan (UNIFESP)
Vanderlei José Zacchi (UFS)
Vera Helena Gomes Wielewicki (UEM)
William Mineo Tagata (UFU)

Comissão Docente:

Alejandro Néstor Lorenzetti
André Luiz Galor
Anselmo Daniel Adams
Bruna de França Guimarães
Bruna Senke Marcelino
Carolina Portes da Silva
Edimara do Nascimento Quirino

Eric Chen
Fernanda Martins Felix
Gabriela Fagundes Laufer
Gabriele Carolina Maia Malagutti
Graziela Bernal Neves
Heliton Diego Lau
Ionara Cristina Lago Medeiros
Ivisson dos Santos Soares
Joana Nishimura Narazaki
Juliana Ertes Santos
Juliano Marcelo dos Santos
Kimberly Amanda Santos
Leandro Guimarães Ferreira
Lucas Emmanuel de Oliveira
Lys Caroline Gonçalves da Silva
Maria Carolina Padilha
Maria Fernanda Lemes do Nascimento
Mariana Soares de Andrade
Marluce Alessandra Peron Garcia
Maryelli de Fátima Gonçalves Müzel
Naiale Loriane Gomes Oliveira
Nathalia Mota Borçari
Nathalia Ribeiro Tsiflidis
Ricardo Peixoto Pinto
Sâmella Janaína Pereira
Sueder Santos de Souza
Tiago Rufino
Vinícius Peretti

Realização:

Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPR)
Núcleo de Assessoria Pedagógica (NAP - UFPR)
Grupo de Pesquisa Identidade e Leitura (UFPR)

Patrocínio:

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PRPPG - UFPR)
Setor de Ciências Humanas (SCH - UFPR)
Setor de Educação Profissional e Tecnológica (SEPT - UFPR)
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM - UFPR)

Apoio:

Coro da Universidade Federal do Paraná

Grupo de Pesquisa em Línguas Estrangeiras Modernas (GPLEM)

Centro de Assessoria e Publicação Acadêmica (CAPA)

Pontes Editores

Editora Parábola

Editora UFPR

Panvel Farmácias

Sanepar

FICLLA 2018 homenageou o Professor Lynn Mario T. Menezes de Souza

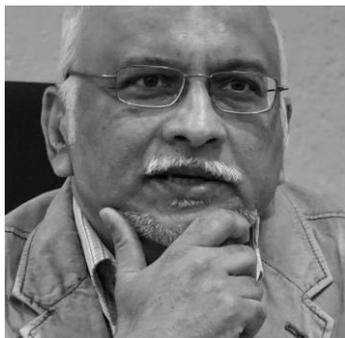
Taumatrópico lynnmariano



Sempre implicado no que estudava (fosse cultura, literatura ou linguística), Lynn Mario nunca desviou o olhar da questão dos conflitos inerentes ao comportamento das línguas. É assim que, há décadas, ele vem ajudando aqueles que cruzam seu caminho a se construírem como pessoas mais sensíveis ao mundo atual. Os estudos sobre a situação política do Concani (na Índia); a educação para cidadania global (na Inglaterra); a escrita multimodal e sua relação com o português e a educação de povos indígenas; o ensino de inglês no tocante à ética e aos métodos; a questão do conceito de letramento, de maneira geral; e a literatura nas aulas do sistema público de ensino (todos esses últimos no Brasil) lhe dão uma bagagem que mostra as possibilidades de um acadêmico “ser muitos”.

Aliás, é marcante nele que seja um pesquisador que “revolve”: remexe, arranca, gira, expõe muitos solos... estreitando o espaço entre as letras, a pedagogia, a filosofia e as ciências sociais. É um “cavador”, que arranca esforçosamente os sedimentos que cobrem as raízes da terra de nossas crenças bem compactadas; ao mesmo tempo, é quem tensiona o taumatrópico e, entre uma coisa e outra, funde, em movimento, realidades opostas. Aproxima aqueles do entorno entre eles mesmos e também aproxima consigo os que mergulham com ele na trajetória do jovem periplante que percorreu Inglaterra, Moçambique, Canadá, Finlândia, Índia, Austrália e Brasil, seu país “sem documento”.

Com esse espírito errante, não aceita – nega, rejeita, protesta – que se petrifique em um só ou que estaque, imóvel. Suas multifaces impactam o trabalho de cada (ex-)orientando e além, com uma evolução singela dia-a-dia, a cada encontro do grupo de estudos, até que um salto no raciocínio surpreenda com leituras inesperadas, desconhecidas. Porque Lynn é alguém que faz seu dever de casa: vem caminhando suave, suave, com os seus, mas não vive só a Universidade. Sua produção de conhecimento ocorre fora dela – também e principalmente – e, quando traz seus frutos, traz junto um pedaço de si mesmo, que ele põe à mesa para provarmos.



(Texto escrito por Guilherme Adami, orientando)

Programação Completa

07 de novembro Oficinas

Oficina 1 - 9h00 às 12h00

Sala C9

How (not) to talk about India

Professor Jason Keith Fernandes - Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), Instituto Universitário de Lisboa - Portugal

Oficina 2 - 9h00 às 12h00

Sala C3

A Síndrome do Impostor “Epistemofagizada”, ou “Yes, nós temos bananas!”: decolonizando o ensino-aprendizagem de inglês no Brasil

Professora Clarissa Menezes Jordão - UFPR, CNPq - Brasil

Oficina 3 - 14h30 às 17h30

Sala C9

People in place, place in people: Urban semiotics of belonging and alienation

Professor Christopher Stroud - University of Western Cape - África do Sul

Oficina 4 - 14h30 às 17h30

Sala C3

Perspectivas de Sociedade e de Sujeito, segundo os Letramentos Críticos

Professora Walkyria Monte Mór - USP - Brasil

Oficina 5 - 14h30 às 17h30

Sala C10

Re-imagining Academic Practice: Case studies from a South African University

Professora Zannie Bock - University of Western Cape - África do Sul

08 de novembro
Dia 1

8h00	Credenciamento	Saguão - Auditório
9h00 às 9h30	Abertura do FICLLA 2018: Comissão Organizadora	Auditório
9h30 às 10h30	Palestra de Abertura do FICLLA: Prof. ^a Dr. ^a Walkyria Monte Mór Universidade de São Paulo	Auditório
10h30	Coffee-break	1º andar - Ginásio
11h00 às 12h00	Primeira visita aos Pôsteres Temáticos: embasamento para as Rodas de Conversa	1º andar - Ginásio
12h00	Almoço	Sugestões no mapa
14h00 às 16h00	Roda de Conversa 1 <i>Diálogos itinerantes: história e memória - problematizando experiências de vida na formação de professores</i> Andréa Machado de Almeida Mattos (UFMG) Érika Amancio Caetano (Uni-BH/UFMG)	Sala C12
14h00 às 16h00	Roda de Conversa 2 <i>As tecnologias na produção textual em contextos do campo e rurais: transgredindo as relações de poder</i> Luiz Henrique Magnani (UFVJM) Carlos Henrique Silva de Castro (UFVJM) Simone Batista da Silva (UFRRJ) Vanderlei José Zacchi (UFS)	Sala C09
14h00 às 16h00	Roda de Conversa 3 <i>Novos paradigmas do visual: de mera ilustração à construção de sentidos</i> Glauce Rocha de Oliveira (USP) Andréa Cotrim Silva (UNIP) Daniel de Mello Ferraz (UFES/USP) Simone Camacho Gonzalez (UNIP) Souzana Mizan (UNIFESP)	Sala C14

14h00 às 16h00	Roda de Conversa 4 <i>Linguagem, racismo epistêmico e universalidade na ausência de negros na pós-graduação</i> Gabriel Nascimento dos Santos (UFBA) Lynn Mario T. Menezes de Souza (USP)	Sala C3
16h00	Coffee-break	1º andar - Ginásio
16h30 às 18h30	Simpósio - Mandala: práticas e transgressões Prof.º Dr.º Lynn Mario T. Menezes de Souza (Universidade de São Paulo) Alastair Pennycook (University of Technology - Sydney, por Skype) Carmen Rosa Caldas-Couthard (Universidade Federal de Santa Catarina) Christopher Stroud (University of Western Cape) Denise Braga (Universidade Estadual de Campinas) Francesca Helm (University of Padova, por Skype) Jan Scholte (University of Gothenburg, por Skype) Jason Keith Fernandes (Instituto Universitário de Lisboa) Kanavillil Rajagopalan (Universidade Estadual de Campinas) Marilda Cavalcanti (Universidade Estadual de Campinas) Vanessa Andreotti (University of British Columbia) Viviane Heberle (Universidade Federal de Santa Catarina) Zannie Bock (University of Western Cape)	Auditório
18h30 às 19h30	Lançamento de Livros e Coquetel	1º andar - Ginásio
20h30	Atividade Cultural - Coro da UFPR	Teatro da Reitoria da UFPR

09 de novembro
Dia 2

9h00 às 10h00	Segunda visita aos Pôsteres Temáticos Discussão sobre os pôsteres - conversas entre participantes, autores dos pôsteres e conversantes das Rodas	1º andar - Ginásio
9h30	Coffee-break	1º andar - Ginásio
10h00 às 12h00	Roda de Conversa 5 <i>Letramentos e comunidades: transformação ou reprodução de sentidos no whatsapp?</i> Nara Hiroko Takaki (UFMS) Joel Austin Windle (UFF) Maisa de Freitas (UFOP)	Sala C9
10h00 às 12h00	Roda de Conversa 6 <i>Confluências (e divergências) entre educação linguística/literária e os estudos de gêneros, raça e sexualidades</i> Flávia Andrea Rodrigues Benfatti (UFU) Danie Marcelo de Jesus (UFMT) Daniel de Mello Ferraz (UFES/USP) Simone Tiemi Hashiguti (UFU)	Sala C14
10h00 às 12h00	Roda de Conversa 7 <i>Formação de professores de língua estrangeira hoje no Brasil</i> Elaine Iris dos Reis (USP) Ana Paula Martinez Duboc (USP) Guilherme Adami (USP)	Sala C3
10h00 às 12h00	Roda de Conversa 8 <i>Formação docente, multiletramentos e inclusão de alunos com deficiências</i> Vera Helena Gomes Wielewicki (UEM) Allan Martins Mohr (UTFPR) Miriam Sester Retorta (UTFPR)	Sala C10
12h00	Almoço	Sugestões no mapa
14h00 às 16h00	Roda de Conversa 9 <i>PIBID e residência pedagógica: rodando a roleta da formação de professores de línguas</i> Ana Karina de Oliveira Nascimento (UFS) Maria Amália Vargas Façanha (UFS) Marlene de Almeida Augusto de Souza (UFS)	Sala C9

14h00 às 16h00	Roda de Conversa 10 <i>Rearticulação do imperialismo linguístico sobre a diversidade linguística indígena</i> Tânia Ferreira Rezende (UFG) Hildomar José de Lima (UFG) Valdilene Elisa da Silva (UEG)	Sala C14
14h00 às 16h00	Roda de Conversa 11 <i>Interculturalidade e internacionalização em tempos de globalização neoliberal: desafios, complexidades e possibilidades</i> Martha Julia Martins de Souza (UFRR) Francesca Dell'Olio (USP) Adriana da Silva Araújo (UFAM/USP) Juliana Zeggio Martinez (UFPR)	Sala C3
14h00 às 16h00	Roda de Conversa 12 <i>Linguagem, diferença e resistência da/pela/na tradução cultural, interlingual e literária</i> Cielo Griselda Festino (UNIP) Liliam Cristina Marins (UEM)	Sala C10
16h00	Coffee-break	1º andar- Ginásio
16h30 às 18h00	Palestra de Encerramento do FICLLA: Prof.º Dr.º Lynn Mario T. Menezes de Souza Universidade de São Paulo (USP)	Auditório
18h00	Encerramento do FICLLA 2018: Comissão Organizadora	Auditório
20h30	Jantar de Encerramento (por adesão) Restaurante Velho Madalosso	Bairro de Santa Felicidade

Resumos - Oficinas

Oficina 1 - *How (not) to talk about India*

Professor Jason Keith Fernandes - Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), Instituto Universitário de Lisboa - Portugal

The problem with the term India is that it is conceptually slippery. When using it are we referring to a civilization, a region, a nation-state? The problem with discussing India is that even scholarly debate is often inflected by orientalist frameworks. This seminar will offer some ways to separate out these various ways of talking about India and crafting a discourse that is able to deal with the complexities within the boundaries of the Indian nation-state. Particular use will be made of caste-based analysis to appreciate the operation of the regimes of secularism, Indian nationalism, and growing Hindu nationalism in this state.

Oficina 2 - *A Síndrome do Impostor “Epistemofagizada”, ou “Yes, nós temos bananas!”: decolonizando o ensino-aprendizagem de inglês no Brasil*

Professora Clarissa Menezes Jordão - UFPR, CNPq - Brasil

O objetivo dessa oficina é discutir dimensões éticas do comprometimento social de ensinar-aprender inglês no Brasil. A partir de uma perspectiva pós/decolonial, es participantes serão convidadas a embarcar num passeio através de marcos da linguística aplicada (e seus desdobramentos no ensino-aprendizagem de línguas), especialmente em torno das concepções de língua que a orientam. Neste passeio, além de construir perspectivas teóricas sobre língua, sujeito, educação, aprendizagem, criticidade, vamos conversar sobre suas implicações em nossos contextos de prática, trabalhando com as consequências da separação cartesiana entre razão e emoção, dicotomia que tem referenciado e legitimado a construção do saber acadêmico como racional, e dos outros saberes como irracionais e portanto não valorizados.

Partindo de aspectos centrais na construção de nossas práticas enquanto professorus de inglês no Brasil, vamos focar o mito do falante nativo e as diferentes formas que a proficiência linguística pode tomar, especialmente aquelas possibilitadas por uma perspectiva de língua como prática social translíngue. As principais perspectivas teóricas exploradas serão (1) a Linguística Aplicada pós humanista (PENNYCOOK, 2018); (2) (de)colonialidade/(pós)modernidade e interculturalidade (CANDAU, 2016) em relação à disseminação da língua inglesa (3) perspectivas de Inglês como Língua Franca/Internacional enquanto *função* ao invés de *variedade* (SIQUEIRA, no prelo; DINIZ DE FIGUEIREDO, 2018), e finalmente o conceito de (4) prática social translíngue (CANAGARAJAH, 2013), debruçando-nos sobre noções de inteligibilidade e proficiência enquanto práticas situadas, negociadas e emergentes na comunicação (RAJAGOPALAN, 2010).

Vamos também explorar o conceito de “epistemofagia” (neologismo inspirado no movimento antropofágico do modernismo brasileiro) como pano de fundo para as discussões e como uma estratégia possível para construir uma epistemologia do sul numa resposta decolonial a formas de saber importadas do Norte Global.

Essas perspectivas serão colocadas em prática através de discussões e vivências de situações de ensino-aprendizagem baseadas nas experiências dos participantes. Por favor, venha preparade para compartilhar.

Oficina 3 - *People in place, place in people: Urban semiotics of belonging and alienation*

Professor Christopher Stroud - University of Western Cape - África do Sul

Much recent work in semiotic/linguistic landscape studies has come to converge on accounting for people in place and the variety of ways in which meanings of place are made and how relationships to others are mediated through emplaced semiotics. This workshop will explore some ways in which semiotic landscapes are intimately tied to concerns of the human in place, and how linguistic landscapes provide the discourses and important reference points whereby people make sense of themselves and their relatedness to others in place. The workshop explores how place can be understood as a 'semiotic amalgam' of past happenings, present contingencies and the future aspirations of those that occupy or move through space. It thus takes as its point of departure questions such as:

- How is a sense of place and its semiotics construed around the people that inhabit it?
- How do linguistic/semiotic landscapes contribute to individuals' manifest identities and sense of (dis)comfort in place?
- How are multiple voices layered into or erased out of, the semiotic landscape?
- How are local semiotic landscapes actively deployed to enhance local engagement and sense of belonging/alienation?
- How do semiotic landscapes function in acts of resistance, or to create conditions for new emotional geographies of place?

Participants will be required in advance of the workshop to collect three pieces of urban semiotic data (The task will be specified in more detail two weeks prior to the workshop). The workshop will commence with a short presentation providing an overview of the field of semiotic/linguistic landscapes. Participants will then individually or in groups present their data segments. The workshop will conclude with a discussion of the diverse uses to which this framework can be put (pedagogical, migration studies, feminist studies, 'racio-linguistics' etc).

Oficina 4 - *Perspectivas de Sociedade e de Sujeito, segundo os Letramentos Críticos*

Professora Walkyria Monte Mór - USP - Brasil

A oficina objetiva analisar a relação entre os enfoques linguísticos trabalhados no ensino de línguas no Brasil e as visões de sociedade e de sujeito neles refletidos. Para tal, propõe relacionar os conceitos de Sociedade da Escrita e Sociedade Digital com as correntes filosóficas da educação brasileira. Pretende situar a formação de professores de línguas no Brasil dentro de uma perspectiva educacional histórico-crítica, analisando

os conflitos identificados na relação entre a formação docente e as propostas pedagógicas no campo da linguística aplicada.

O referencial teórico da oficina leva em conta estudos sobre educação linguística crítica, como os de Luke (2018; 2004); Luke e Freebody (1997); Kalantzis e Cope (2012); Lankshear e Knobel (2017); Gee (2014; 2003); Saviani (2008; 1985); Monte Mór (2018; 2017) e outros.

Oficina 5 - *Re-imagining Academic Practice: Case studies from a South African University*

Professora Zannie Bock - University of Western Cape - África do Sul

South Africa is a country which has recently emerged from four centuries of colonialism and Apartheid. In 1994, when Nelson Mandela was elected the first democratic president of South Africa, the country embarked on a massive project of social reconstruction and development to address the legacy of inequality and injustice. While considerable progress has been made, enormous challenges remain in many sectors, including all levels of education. Within a context of high unemployment, a university degree remains a much sought after route to ‘middle class security’. Many students, however, come from socio-economic and educational backgrounds that have not prepared them for a university education shaped by Western European norms of knowledge production. The frustration of students, particularly in a climate of economic recession and political instability, has sparked national protests and calls for radical transformation of the higher education sector, including decolonised curricula and transformed institutions.

In this workshop, I will present how I, together with colleagues at the University of the Western Cape (UWC), have responded to this challenge. First I will give a brief overview of the higher education context in South Africa, showing how the past has shaped the present complexities, especially with respect to language and literacy. I will also locate the position of my own university, UWC, within this landscape. UWC has historically served ‘black’ students from less privileged backgrounds, who are typically multilingual, and for whom English – the standard academic English variety of higher education – is a second (or third, or fourth) language. I will then present work from two projects I have worked on with colleagues in which we have tried to address these challenges.

The first project is the development of a multilingual, multimodal module called *Reimagining Multilingualisms*, which was jointly offered by the Universities of the Western Cape and Stellenbosch in April and May of this year (2018). The latter is a historically ‘white’ institution which generally serves a more ‘elite’ sector of the population. In this module, we attempt to address some of the social (and racial) divisions in contemporary society, by introducing students to each other’s campuses, and by using a variety of creative writing and arts-based pedagogies to think about language, knowledge and learning in non-traditional ways. The aim is to centre *multilingualism* and *diversity* as core pedagogic principles, and to deepen our understanding of how higher education can become more inclusive and democratic. We have been privileged to host Prof Menezes de Souza as a visiting scholar on this project. I will present some of our reflections to date, both what we have learnt and the questions this experience has raised.

The second project is the development of a textbook, *Language, Society and Communication: An Introduction*, which was published in 2014. The textbook represents a major teaching and learning intervention, in which I played the roles of project leader, co-editor (with Gift Mheta), and author of several chapters. The project was initiated in response to the need for theoretically 'up-to-date', contextually relevant materials which speak to our undergraduate students' multilingual and southern African experiences. It began a process of collaboration and curriculum renewal in our department, which culminated in the production of the first southern African introduction to linguistics, language and communication. The most interesting and rewarding aspect of the project was the impact it had on the authors, particularly the less experienced doctoral student writers. In this workshop, I shall outline aspects of the process and reflect on its impact on the doctoral student authors, the undergraduate students, and our programme more generally.

After my presentation of these case studies, the workshop participants will have the opportunity to discuss key themes or questions that emerge from the presentation (and later share their discussions in plenary). Working in groups, participants will reflect on their own experiences of teaching, whether in a higher education, formal schooling, or adult education context, in relation to one or more core questions. These could include:

1. How can we shift the way we think about language and its role in education so that we are more able to respond to students who come to our institutions with a passion to learn, but without the pre-requisite foundation in academic language and literacy?
2. How can we draw on the full range of their multilingual and multi-semiotic resources to enhance access, inclusivity and academic success?
3. How can the educational context be imagined differently to usefully employ these linguistic and semiotic repertoires to facilitate learning?
4. How do we build the next generation of scholars in a resource-constrained context in the global south?

Resumos - Rodas de Conversas

DIÁLOGOS ITINERANTES: HISTÓRIA E MEMÓRIA - PROBLEMATIZANDO EXPERIÊNCIAS DE VIDA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Andréa Machado de Almeida Mattos (UFMG)

Érika Amancio Caetano (Uni-BH/UFMG)

Desde a publicação das OCEM (BRASIL, 2006), houve um grande aumento no interesse por pesquisas e propostas de perspectiva crítica na Linguística Aplicada no Brasil, principalmente na área de ensino/aprendizagem de línguas e na formação de professores de línguas. Vários dos pesquisadores envolvidos na promoção de avanços de perspectivas críticas nessa área formaram um grupo hoje conhecido como Projeto Nacional, coordenado pelos Profs. Walkyria Monte Mór e Lynn Mario Menezes de Souza na Universidade de São Paulo (USP). Além disso, ultimamente tais perspectivas vêm sendo chamadas de Educação Crítica em Língua Estrangeira e Formação Crítica de Professores de Línguas. A proposta dessa Roda de Conversa pretende avançar o rumo dessas discussões, abordando as influências históricas, sociais e culturais na formação de professores no Brasil, num diálogo crítico entre a Linguística Aplicada e outras áreas de pesquisa, como a História, as Ciências Sociais, o Direito e a Sociologia, problematizando a relação entre histórias de vida, memória, pós-memória e formação das identidades dos professores de língua inglesa e da cultura de sala de aula no Brasil atual. Trabalhos recentes, como os de Jucá (2017) e Monte-Mór (2013), apontam para a herança deixada por marcos históricos na educação – mais especificamente na formação de professores de língua inglesa. Na mesma linha, Mattos (2015) impulsiona a discussão sobre o legado sócio-histórico brasileiro na educação ao problematizar o impacto da ditadura militar na prática pedagógica dos atuais professores de inglês no Brasil. Para amparar essa proposta e encaminhar nossa conversa, traremos dados de várias pesquisas feitas pelas conversantes que apresentam e problematizam narrativas de professores em formação inicial e continuada sobre suas experiências de vida e de ensino/aprendizagem de línguas. Acreditamos que essa discussão, embora ainda em fase inicial, pode contribuir para melhor compreender a influência dessas experiências na formação das identidades dos professores e na sua atuação em sala de aula no contexto brasileiro.

AS TECNOLOGIAS NA PRODUÇÃO TEXTUAL EM CONTEXTOS DO CAMPO E RURAIS: TRANSGREDINDO AS RELAÇÕES DE PODER

Luiz Henrique Magnani (UFVJM)

Carlos Henrique Silva de Castro (UFVJM)

Simone Batista da Silva (UFRRJ)

Vanderlei José Zacchi (UFS)

Esta Roda de Conversa quer problematizar o conceito de tecnologias e o papel destas em produções textuais multimodais nos contextos do campo e rurais. Para tanto, pretendemos trazer ao debate tanto estudos acadêmicos já realizados, como também experiências empíricas em contextos universitários concretos, dos quais os sujeitos do campo são parte e se fazem presentes, e em cujo cotidiano emergem reflexões sobre

educação do campo e rural. Usualmente, a discussão sobre tecnologias e seus usos em ações educativas é bastante assimétrica em relação aos contextos não-urbanos, já que as universidades, seus pesquisadores e cursos se localizam majoritariamente nos espaços dos centros urbanos. Assim, são necessários ajustes na tentativa de realizar uma ação docente que realmente promova a equidade e viabilize as condições necessárias para grupos do campo e rurais representarem-se a si próprios sem intermediação da mídia legitimada ou de apenas discursos urbanos exógenos, democratizando o acesso ao capital cultural contemporâneo e legitimando práticas e tecnologias já existentes nesse contexto ou potencialmente benéficas às demandas educativas ali emergentes. Acreditamos que, em aulas de língua e em outras atividades educativas que envolvam a questão da linguagem nesses meios rurais e do campo, a escolha e organização de procedimentos, tecnologias e conteúdos podem influenciar na eficácia do papel político da escola para seus estudantes e determinar o alcance de ressonância das vozes da comunidade escolar tanto em sua luta em prol das transformações sociais quanto para sua maior participação política e representação de sentidos.

NOVOS PARADIGMAS DO VISUAL: DE MERA ILUSTRAÇÃO À CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Glauce Rocha de Oliveira (USP)
Andréa Cotrim Silva (UNIP)
Daniel de Mello Ferraz (UFES/USP)
Simone Camacho Gonzalez (UNIP)
Souzana Mizan (UNIFESP)

Nas culturas ocidentais, a visão é considerada um dos sentidos de maior credibilidade (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996), por se acreditar que os olhos captam direta e objetivamente a realidade “lá fora” tal qual ela é, ou seja, sem a necessidade de interpretação. Consequentemente, imagens como a fotográfica e a cinematográfica, em especial as de documentários, são tidas como provas incontroversas de tal realidade. Nossas pesquisas, sempre conduzidas por uma orientação transdisciplinar, buscando diálogos com áreas como Filosofia, História da Arte, Filosofia da Linguagem, Estudos Culturais, Antropologia, Sociologia, Linguística Aplicada Crítica, Análise Crítica do Discurso e Letramento Crítico Visual, questionam essa crença na transparência que as culturas ocidentais atribuem à visão e compartilham reflexões sobre o ato de ver como processo de construção de sentidos localizado historicamente (BARBOSA e AMARAL (orgs.), 2008; MIRZOEFF, 1999; VATTIMO, 2011; WALTY et. al., 2000). Assim, vemos conforme aquilo que aprendemos culturalmente (BAKHTIN, 1992; GOMBRICH, 1986; ORLANDI, 1998 e 2001). Ter consciência disso e perceber em quais verdades e discursos calcamos nossas interpretações é um dos desafios para “l(v)er” criticamente nossa realidade (MENEZES DE SOUZA, 2001), cada vez mais, constituída de imagens e/ou de textos que combinam escrita, imagens e sons. Nesta conversa, pretendemos compartilhar nossas pesquisas, experiências e inquietações com algumas imagens que permeiam nosso cotidiano, tais como fotografias publicadas em jornais (ROCHA DE OLIVEIRA, 2007 e 2009); filmes (COTRIM e FERRAZ, 2013 e 2016); vídeos ou fotografias usadas em ambientes virtuais (MIZAN, 2013 e 2015); grafites e painéis urbanos. Entendemos que essas imagens, longe de serem provas incontroversas de uma realidade, são construções influenciadas pelos seus respectivos contextos de produção, recepção e circulação. E é exatamente a aproximação ou o distanciamento de tais contextos o que gera a sensação de transparência (ou não

necessidade de interpretação) ou opacidade dessas imagens. Assim, ao levá-las do cotidiano para o ambiente acadêmico e a sala de aula (seja a de educação básica, seja a de graduação), temos, no fundo, a intenção de desenvolver leitores e cidadãos mais críticos.

LINGUAGEM, RACISMO EPISTÊMICO E UNIVERSALIDADE NA AUSÊNCIA DE NEGROS NA PÓS-GRADUAÇÃO

Gabriel Nascimento dos Santos (UFBA)

Lynn Mário Trindade Menezes de Souza (USP)

O presente debate se origina na discussão do papel da universidade enquanto indutor do desenvolvimento. No entanto, essa figura agrega criticamente a necessidade de pensar que, enquanto espaço indutor do conhecimento, a universidade fomenta desigualdades. Entre elas o racismo epistêmico que se origina e se ampara de maneira mútua nas mais diversas formas de racismo no país. No caso da pós-graduação, os dados de sub-representação dos negros permitem afirmar a necessidade de debater o racismo e a forma como ele atua na universidade, tanto na pesquisa para a formação quanto na formação para a pesquisa. No caso da formação para a pesquisa, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) até hoje não tem o recurso da autodeclaração em sua Plataforma Sucupira. No entanto, a participação em um grupo de trabalho da Capes permitiu o surgimento dos primeiros dados mais efetivos sobre a composição étnica entre os estudantes de pós-graduação. Por outro lado, no caso da pesquisa para a formação, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) só recentemente implantou a autodeclaração na Plataforma Lattes. Entretanto, conforme queremos discutir, a presença de negros nos Comitês de Assessoramento do CNPq é quase nula, limitando-se a, no máximo, 3% de membros negros. Nessa roda de conversa propomos o debate sobre universalidade, universidade, ciência e racismo, localizando o papel de cada um e relacionando-os à linguagem.

LETRAMENTOS E COMUNIDADES: TRANSFORMAÇÃO OU REPRODUÇÃO DE SENTIDOS NO WHATSAPP?

Nara Hiroko Takaki (UFMS)

Joel Austin Windle (UFF)

Maisa de Freitas (UFOP)

O WhatsApp é um dos aplicativos mais utilizados principalmente em plataforma de Tecnologias Móveis e Sem Fio (TMSF) no Brasil, segundo uma pesquisa divulgada pela Exame em junho de 2016, perdendo apenas para a África do Sul. Para além de vantagens e desvantagens, o uso deste aplicativo gera a necessidade de repensarmos como possíveis transformações epistemológicas e sociais estão ocorrendo (ou não) entre seus usuários em contextos educacionais. Assim sendo, esta roda de conversa objetiva problematizar aspectos como: relevância, autoria, participação, criatividade, criticidade, redesenho (JANKS, 2010, 2005) e colaboração (RANCIÈRE, 2001) em determinados loci de educação linguística e cultural. Com base em metodologia qualitativa e interpretativa, dois contextos de uso de WhatsApp são apresentados para debate, com problematizações e indagações girando em torno das particularidades do tipo de interação e aprendizagem que emergem e suas contribuições no que tange à ampliação do tema em questão. No primeiro contexto, uma turma de matemática do ensino médio

traz questionamentos sobre a dinâmica de relações entre pares e professor dentro e fora da escola. O segundo trata de uma situação de minicurso de extensão como parte de um evento sobre educação crítica e qualitativamente focaliza a complexidade da prática entre os participantes ao debaterem temas variados. Abrimos espaço para questionamentos sobre a dialética entre letramento tradicional e letramento digital, a circulação de discursos e teorias sobre multiletramentos e a constituição de espaços de produção de conhecimento.

CONFLUÊNCIAS (E DIVERGÊNCIAS) ENTRE EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA/LITERÁRIA E OS ESTUDOS DE GÊNEROS, RAÇA E SEXUALIDADES

Flávia Andrea Rodrigues Benfatti (UFU)

Danie Marcelo de Jesus (UFMT)

Daniel de Mello Ferraz (UFES/USP)

Simone Tiemi Hashiguti (UFU)

A inclusão de problematizações sobre classes, raça, gêneros sociais e sexualidades tem sido defendida no bojo da Linguística Aplicada Crítica há quase duas décadas por meio dos trabalhos de Pennycook (2000), entre outros. Estudos anteriores como os de Foucault (por exemplo, História da Sexualidade 1, 2 e 3) e Butler (por exemplo, *Gender Trouble* e *Bodies that matter*) contribuíram enormemente para o questionamento do *status quo* da sociedade moderna ocidental neoliberal, seja em relação aos gêneros/sexualidades fixadas e naturalizadas ou em relação à linguagem (visão estruturalista) que rapta esses conceitos e os aprisiona em sistemas dicotômicos. Porém, em tempos nos quais os binarismos, desigualdades e mídias de massa (manipuladoras) ainda insistem em se perpetuar, nos perguntamos se tais problematizações foram/são inseridas no campo da educação linguística/literária e, ainda, se foram, de que formas? Ou, numa visão autocrítica, deveriam estar nas agendas de formação de professores? Para superar, ou pelo menos questionar a soberania das visões dicotômicas, heterossexistas e heteronormativas de uma sociedade “patriarcal, capitalista, imperialista e de supremacia branca” (hooks, 2003), é preciso combater (essa é a palavra!) as formas de “ódio em relação ao que desconheço, a diferença dos outros; pois aprendermos a temer essa diferença por meio de marcações racializadas e sexualizadas” (hooks, 2003, p. 9). Nesta Roda de Conversa, discutiremos as confluências (e divergências) entre esses temas por meio de autocríticas em relação ao nosso fazer pedagógico, isto é, mesmo diante da complexidade que eles suscitam, nós os problematizamos em nossas formações docentes?

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA HOJE NO BRASIL

Elaine Íris dos Reis (USP)

Ana Paula Martinez Duboc (USP)

Guilherme Adami (USP)

Com as aceleradas e por muitas vezes contraditórias mudanças no panorama das políticas públicas educacionais de nível nacional, o sentido do que é ensinar Línguas Estrangeiras sofre mutações e, assim, torna-se preciso discutir o que significa formar professores de LE na/para a contemporaneidade. Se, por um lado, Freire (2007, p. 23)

oferece, com suas palavras, um firme amparo à ideia de que, para formar, é preciso “estar com” o formando em sua caminhada de formação, ele ao mesmo tempo deixa implícito que tal postura não vem sem conflitos internos para o formador, ao indicar que “[a] educação não é um processo de transferência de conhecimento ou conteúdo, mas sim formadora, [...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Assim, nossa roda de conversa propõe discutir algumas questões prementes para o momento: Como é “estar”, “viver”, “habitar” numa transformação, sendo formador que se coloca criticamente como alguém que quer se reformar também, conforme participa da formação de outros? Como, em um período como o atual, nos relacionamos conosco mesmos (com nosso histórico de práticas e anseios) e com nosso entorno e nossos alunos-futuros-professores? O que entra em jogo no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras hoje, que deve permear nossas práticas de formação para que elas não sigam uma lógica de transferência? E, mediante isso, quais as necessidades, dificuldades e os desafios mais amplos da formação de professores de línguas neste momento, tendo-se em vista o paradigma político criado quando se “está com” o formando, como diz Freire (2007)? O que continua – e, paralelamente, o que tem começado a se mostrar – importante de ser contemplado na atualidade, no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizado na e para a formação de professores de línguas?

FORMAÇÃO DOCENTE, MULTILETRAMENTOS E INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS

Vera Helena Gomes Wielewicki (UEM)

Allan Martins Mohr (UTFPR)

Míriam Sester Retorta (UTFPR)

No contexto educacional brasileiro atual, admite-se o termo educação inclusiva, entendendo-se que alunos com alguma deficiência têm o direito de frequentar os mesmos espaços que alunos sem deficiências. Segundo Goulart et.alli. (2011), o termo inclusão implica que crianças devem ser encaminhadas a escolas, classes ou sessões especiais em caráter permanente, salvo casos mais graves de impedimentos. As leis brasileiras garantem o direito desses alunos de frequentarem o ensino regular juntamente com seus colegas e, paralelamente, garantem a eles o direito de frequentarem, em contraturno, Salas de Recursos Multifuncionais. Ao mesmo tempo, direitos são garantidos aos cidadãos com deficiências durante exames e concursos. Em um cenário em que o diferente é visto como problemático, a educação inclusiva como proposta pela legislação brasileira, inspirada por parâmetros e acordos internacionais é, sem dúvida, um avanço. Mas, como apontam os autores, os entraves para a sua efetivação são muitos. Os autores apontam, no Brasil, problemas como “falta de materiais adequados, de formação e apoio aos professores para lidar com as diferenças” (p. 46). O desafio para o professor é enorme. Embora estejamos focados na realidade brasileira, acreditamos que a teoria dos multiletramentos, desenvolvida inicialmente por um grupo de pesquisadores reunidos em Nova Londres (EUA), mas com suas atuações como educadores espalhadas pelo mundo, possa colaborar com as reflexões sobre a educação brasileira. Exemplo disso é o conceito de educação pluralista, apontado por Cope e Kalantzis (2000). A partir da perspectiva da pedagogia dos multiletramentos, a educação pluralista seria a alternativa para a minimizar a exclusão, já que pressupõe a negociação da variabilidade de diferentes modos de vida. Isso significa não adotar a retórica de se pretender igualdade de resultados para todos, mas equidade para todos. Os

autores concluem que “pluralismo é a única forma que o sistema pode fazer isso; a única forma que pode ser genuinamente justo em sua distribuição de oportunidades, entre um grupo e outro, um tipo de experiência de vida e outro” (Cope e Kalantzis 2000, p. 125; tradução nossa). Assim, são necessárias abordagens que levem em conta os alunos com deficiências como agentes no processo educacional, e não meros receptores que devem ser integrados como um aluno sem deficiência. Dessa forma, a proposta desta Roda de Conversa é debater possibilidades de inclusão efetiva, nos moldes de uma educação pluralista, através dos multiletramentos, para aprendizes em situação de deficiência e suas implicações na formação de professores. Alguns eixos de discussão podem ser sugeridos, sempre focando a formação do professor: supremacia da escrita na escola; TICs e acessibilidade; inclusão e multimeios, por exemplo. Não pretendemos fechar possibilidades de antemão, mas levantar discussões que discutam a inclusão de aprendizes com deficiências e problematizar quais seriam as contribuições da pedagogia dos multiletramentos nesse processo no Brasil.

PIBID E RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: RODANDO A ROLETA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS

Ana Karina de Oliveira Nascimento (UFS)
Maria Amália Vargas Façanha (UFS)
Marlene de Almeida Augusto de Souza (UFS)

A maioria dos cursos de formação de professores concentra as horas de estágio supervisionado nos últimos semestres do curso. É nesse momento que normalmente os professores em formação terão seu primeiro contato com as escolas e com os alunos durante as aulas de línguas. A construção do conhecimento sobre o que significa ensinar e aprender uma língua será resultante da relação que os professores em formação estabelecerão entre seus conhecimentos prévios e as trocas com o professor de estágio supervisionado, o professor supervisor (professor da escola), os alunos, e todos os aspectos que envolvem o contexto da escola (funcionários, infraestrutura, rotina, dentre outros). Em 2018, a CAPES lançou dois editais de projetos voltados para a formação de professores dos cursos de licenciatura com habilitação para dezoito componentes curriculares, incluindo Língua Inglesa, são eles: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), para os alunos que estejam na primeira metade do curso de licenciatura, e Programa de Residência Pedagógica (RP), para os alunos que cumpriram 50% do curso ou que estejam cursando a partir do 5º período. Com o objetivo de entender as ideias presentes nos editais da CAPES para o PIBID e a RP e as influências sobre os rumos na formação de professor de línguas para a educação básica, as proponentes desta roda de conversa pretendem, partindo dos editais citados, discutir sobre a abordagem das seguintes questões: (1) o que se entende por formação de professor? (2) O que se entende como sendo o papel do coordenador de área? (3) E do professor supervisor? (4) E do professor em formação? (5) De que maneira as propostas de encaminhamento do PIBID e da RP podem influenciar a formação de professores de línguas?

REARTICULAÇÃO DO IMPERIALISMO LINGUÍSTICO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA INDÍGENA

Tânia Ferreira Rezende (UFG)
Hildomar José de Lima (UFG)

Valdilene Elisa da Silva (UEG)

O Decreto 5.626, de 2005, tornou a libras disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura, inclusive os de formação de docentes indígenas. Dessa forma, a libras se tornou mais uma língua, ao lado do português, língua da colonização, e do inglês, língua estrangeira, internacionalmente hegemônica, determinante da organização sociolinguística do Brasil, por meio da escola. Embora minorizada no cenário nacional, a libras, língua de sinais hegemônica, é valorizada sob a metalinguagem do português, no panorama da educação escolar indígena, ganhando valor político num espaço aberto para a valorização da produção do conhecimento pelos povos indígenas em suas línguas. O imperialismo linguístico oficial do país, mesmo com os ganhos constitucional, de 1988, e educacional, de 1996 (LDB), para a determinação sociolinguística das comunidades indígenas brasileiras, reduz a posição geopolítica dessas mesmas comunidades. Objetivamos, neste trabalho, portanto, refletir sobre a tensão acentuada no contexto de diversidade linguística em que o português, o inglês e a libras são línguas oficialmente supervalorizadas, em detrimento das línguas indígenas, e problematizar a colonização epistêmica e linguística que se serve, legalmente, de uma língua sinalizada, ao mesmo tempo, hegemônica e minorizada nacionalmente, para rearticular o imperialismo linguístico nacional, na formação docente de grupos subalternizados. A roda de conversas será desenvolvida com base na legislação educacional nacional e cada conversante se encarregará de expor o papel de uma das três línguas em questão na rearticulação do imperialismo linguístico sobre a diversidade linguística indígena, apesar das defesas legais da garantia dos direitos constitucionais das línguas indígenas.

INTERCULTURALIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL: DESAFIOS, COMPLEXIDADES E POSSIBILIDADES

Martha Julia Martins de Souza (UFRR)

Francesca Dell'Olio (USP)

Adriana da Silva Araújo (UFAM/USP)

Juliana Zeggio Martinez (UFPR)

Na atual globalização neoliberal, políticas de multiculturalismo e de internacionalização da Educação Superior estão cada vez mais em evidência. Governos e instituições buscam formas de responder às demandas da globalização, bem como lidar com línguas e culturas justapostas e em convivência tanto dentro de uma mesma nação quanto entre diferentes nações. Neste cenário, em geral o conceito de globalização refere-se a um fenômeno recente e multifacetado, que desemboca na interdependência de economias devido às novas tecnologias, à diminuição dos custos de mobilidade e dos sistemas de comunicação que permitem os diversos fluxos ocorrerem. Globalização e neoliberalismo, entretanto, deveriam também ser analisados pela perspectiva da colonialidade, ou seja, diante da hierarquização e da desigualdade de raça, classe, gênero, culturas, línguas, saberes, entre outros elementos que atravessam as relações internacionais e interculturais. No cenário da internacionalização da Educação Superior, por exemplo, o interesse pela mobilidade e pelos fluxos parece ser mais imediato enquanto a complexidade das relações interculturais parece esquecida, dificilmente encontramos espaços de discussão sobre as desigualdades. Torna-se premente, portanto, considerar os moldes epistêmicos sobre os quais se fundamenta o pensamento da

modernidade/colonialidade; pensamento este que sustenta a atual globalização neoliberal e conseqüentemente propostas de educação internacional e intercultural. A nosso ver, internacionalização e interculturalidade estão atravessadas por ideologias e relações desiguais entre povos, línguas, culturas, saberes, e por isso demandam análises mais complexas que ultrapassem a ingênua celebração do encontro entre diferentes no cenário atual. Entendemos que em espaços de justaposição de línguas, povos e culturas existe sempre a possibilidade de trocas produtivas de saberes e vivências; no entanto, tal troca requer uma perspectiva ética de educação, de sociedade, de internacionalização e de interculturalidade. Como professoras e pesquisadoras em contexto de Educação Superior, nesta roda de conversa, pretendemos explorar e problematizar desafios e possibilidades da universidade na atualidade neoliberal considerando a justaposição entre globalização, interculturalidade, políticas linguísticas e a sociedade do conhecimento. A partir de uma perspectiva ética, acreditamos na urgência de se pensar em alternativas aos sistemas epistêmicos moderno/coloniais que fundamentam as sociedades ocidentais na atualidade.

LINGUAGEM, DIFERENÇA E RESISTÊNCIA DA/PELA/NA TRADUÇÃO CULTURAL, INTERLINGUAL E LITERÁRIA

Cielo Griselda Festino (UNIP)

Líliam Cristina Marins (UEM)

Vivemos em um mundo marcado pela diferença e pela desigualdade onde pessoas e pensamentos são excluídos, têm suas vozes silenciadas, são constantemente rejeitados e desacreditados por uma ordem dominante regularizada por relações de poder. Ao mesmo tempo, em um determinado momento sócio-histórico, essas vozes (des)ordenadas, (in)fames e silenciadas buscam formas de resistir ao poder e à ordem sufocante “que constrói identidades, nelas fixa estereótipos, discriminações, produzindo subjetividades que não encontram lugar nas sociedades hegemônicas de discurso” (CORACINI 2010: 107). Nesse sentido, as discussões desenvolvidas a partir da tradução demonstram ser especialmente férteis na empreitada cujo foco está na problematização da linguagem, na diferença, bem como nas discussões acerca das relações de poder e resistência (RAJAGOPALAN 2007; CORACINI 2010). O objetivo desta roda de conversas é, assim, discutir as relações de poder e resistência da/pela/na tradução cultural, interlingual e literária a partir de pontos em comum e diferenças entre agrupamentos de narrativas literárias (MOHANTY, 2011) e de mídias narrativas não-literárias, provenientes de diferentes culturas, levando em conta as suas perspectivas ideológicas que se manifestam não somente na temática, mas também no uso da linguagem, dos estilos narrativos e das estratégias de tradução. Olhar para essas manifestações tradutórias, culturais, linguísticas e literárias, pelas lentes da diferença, pode possibilitar uma revisão do *substantivo* “poder”, enquanto representativo da autoridade absoluta do centro sobre a periferia, para o *verbo* “poder”, que representa a capacidade e a oportunidade de mudança.

Resumos - Pôsteres Temáticos

A MULTIMODALIDADE NO EIXO ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: ESPAÇO PARA DESENVOLVIMENTO DE CONSCIÊNCIA CRÍTICA DOS SUJEITOS OU FAZER BONITO NA CONTEMPORANEIDADE?

Sueder Santos de Souza (PPGL/UFPR)

Segundo Kress e van Leeuwen (2001), o texto multimodal é aquele cuja significação ocorre por meio de variados modos semióticos. Logo, a interpretação de um texto não está restrita à escrita ou à oralidade. Kress (2006) ainda afirma que a multimodalidade é constitutiva do mundo semiótico contemporâneo e também que, em última instância, todo texto é multimodal, embora possa existir a predominância de um aspecto sobre o outro dependendo da enunciação. Por sua vez, a BNCC (2017) prega que os aspectos metacognitivos durante o processo de leitura e de produção de textos, sejam eles orais, escritos e multissemióticos, e que levem em conta gestos, feições etc., são responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos (escritos, orais, semióticos etc.), determinadas pelos gêneros, igualmente orais, escritos e multissemióticos, na formação do sujeito. Nesse sentido, têm-se à disposição não só a palavra, mas, sim, outros recursos de língua(gem) que, quando se está na interação, utiliza-se todo um repertório semiótico disponível para construir e interpretar sentidos. Assim, como conduzir práticas, observando a constituição e organização semiótica, sugeridas pela BNCC, desenvolvendo discussões acerca da multimodalidade, a fim de desenvolver a capacidade crítica dos sujeitos?

A AUSÊNCIA DE IDENTIDADES SOCIAIS DE RAÇA INTERSECCIONADAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA

Aparecida de Jesus Ferreira (UEPG)

Este pôster tem como tema identidades sociais de raça e interseccionalidades de gênero e classe social nos livros didáticos (LD) de língua inglesa. Este pôster tem a intenção de gerar reflexões sobre como as identidades sociais estão sendo representadas nos LD de língua inglesa. Essa discussão neste momento é importante considerando que foram e estão sendo aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) vários LD para serem utilizados nas escolas públicas brasileiras. Este pôster está em consonância com as pesquisas que estão ocorrendo no Brasil e no exterior voltadas às questões de LD e materiais didáticos e formação de professores/as de língua inglesa e a intersecção entre letramento crítico e letramento racial crítico. Reflexões sobre identidade, letramento crítico e letramento racial crítico envolvendo a questão de LD e formação de professores/as estão relacionadas e mostram-se relevantes, uma vez que as práticas sociais, os contextos sociais e as identidades existentes no ambiente escolar e que são mediados pelos LD podem ser discutidos em sala de aula (ensino fundamental, médio e universitário). Proponho debater acerca da ausência de representação de identidades de raça nos LD de língua inglesa, letramento racial crítico e o papel dos cursos de formação de formação de professoras/es.

O IMPACTO DA GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Emmanuelle Pereira da Costa (UFMG)

Hoje, deixamos de ser apenas locais, somos cidadãos do mundo. Mundo este que se encontra interconectado, por meios digitais, um simples click nos transpõe realidades. É instantâneo. Para Waks (2006) a globalização é definida em termos econômicos, sociais e culturais. Para o autor, esse processo, através de meios de comunicação, faz com que as nações mais desenvolvidas atinjam as menos desenvolvidas, promovendo e facilitando o “fluxo de bens, serviços e pessoas pelas fronteiras”. Emergindo assim, a necessidade da comunicação entre essas localidades que não pode ser barrada apenas por uma questão meramente linguística. Mattos (2015) afirma que a educação também sofre forte influência da globalização, no que tange, inclusive, à introdução de novos elementos no nível da organização escolar e na sala de aula, como, por exemplo, aumento de conhecimento, proporcionando contato entre diferentes culturas. Logo, a globalização traz novos desafios para a educação e novas demandas para escolas e professores. O objetivo deste pôster é promover discussões e problematizações em torno dos efeitos da propagação global do ensino de língua inglesa, além de pensar no inglês como língua divisora, como sugerido por Pennycook (2007).

STUDENTS' REACTION - PROBLEMATIZAÇÕES E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO A PARTIR DE TEXTOS VISUAIS EM AULAS DE INGLÊS

Barbra do Rosário Sabota Silva (UEG)
Jossane Rodrigues de Oliveira (UEG)

Em 2018 propusemos a leitura de textos multimodais (vídeos, memes e imagens estáticas circulando na internet) com vistas a construção de sentidos a partir da reflexão e do debate entre alunos, alunas e a professora de língua inglesa - nível básico - em um centro de idiomas na UEG. A intenção era problematizar as reações de aprendizes aos textos e, assim, criar eventos de letramento crítico que favorecessem a percepção e o entendimento necessários para provocar transformações no modo como aprendizes se percebem e agem no mundo (MENEZES DE SOUZA, 2011). Planejamos o curso a partir do entendimento que o ensino de inglês também pode se dar por meio de práticas transgressoras (hooks, 1994) que permitam pensar além das fronteiras e do que "o sistema nos permite conhecer, de modo a pensar e repensar nossas próprias atitudes e valores sociais/educativos" (FREITAS, 2012, p.81). Partindo de perguntas problematizadoras sobre as imagens e sobre as reações dos e das estudantes à elas buscou-se a ampliação do repertório lexical e discursivo dos participantes dentro de uma percepção de língua como prática social. Nesta apresentação buscamos contribuir para o debate sobre o ensino de inglês pelo viés do letramento visual (FERRAZ, 2013) e crítico.

WHICH FOREIGN LANGUAGE TO TEACH? DAS IST DIE FRAGE!

Adriana Cristina Sambugaro de Mattos Brahim (UFPR)
Denise Akemi Hibarino (UFPR)
Jorge José de Oliveira (UFPR)
Zelir Maria Bieski Franco (UFPR)

Com base na pergunta problematizadora: De que LE estamos falando? E qual a sua relevância nos contextos locais desses alunos? Nossa proposta é apresentar uma história em quadrinhos sobre uma interação dialógica – no sentido bakhtiniano – entre uma professora de inglês e um professor de alemão que trabalham com a LE em diferentes cursos do Sept/UFPR. Em encontros casuais, os dois professores compartilham experiências, dúvidas e incertezas sobre os desafios no trabalho com a LE nos seus heterogêneos públicos. Esses sentimentos, constituintes da prática docente, giram em torno de uma questão central: qual língua ensinar, e como ensinar, com uma carga horária bastante reduzida e para um público de interesses tão díspares? Para algumas turmas a carga horária é de apenas 120 horas. Os dois professores desabafam: Como dar conta de todo o conteúdo, da gramática? Muitas vezes, apenas minimamente, é possível fazer a introdução à fonética! E a pronúncia? O caso parece mesmo sem perspectivas de solução, até que ficam sabendo de um grupo de estudos sobre Letramentos em LE; a sigla é estranha: GEPLEM, mas resolvem dar uma olhada. Filiam-se ao grupo e, nas leituras e discussões, passam a conviver com uma outra perspectiva de ver a língua; não como sistema em que se precisa dar conta de ensinar todo o programa, de cuja formulação o professor muitas vezes não tem a maior voz de decisão, mas na língua enquanto discurso em atribuições de sentidos na interação social. Certas noções sobre língua enquanto Letramento Crítico Redefinido, na perspectiva de Ler se Lendo tem produzido efeitos de leveza nos diálogos entre os dois professores.

INGLÊS PARA QUÊ (M)?: POLÍTICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO E SEUS PERCURSOS

Gabriel Jean Sanches (UFPR)

Adriana Cristina Sambugaro de Mattos Brahim (UFPR)

Esta proposta de pôster tem como objetivo problematizar os desafios das práticas docente em programas de língua inglesa, como o “Paraná fala inglês” (PFI) da UNESPAR, que tem como expectativa contribuir para os processos de internacionalização das universidades. Neste contexto, pretendemos discutir até que ponto o trabalho em sala de aula pode levar à uma construção crítica de sentidos em língua inglesa, dadas algumas exigências estabelecidas pelo programa como, por exemplo, o uso de um material didático. Assim, objetivamos discutir com os participantes da roda de conversa: 1) quais as possibilidades de se desenvolver práticas que vão além do trabalho com a língua na perspectiva de código, presente em materiais didáticos adotados (como no exemplo do PFI), ou seja, como desenvolver práticas baseadas na perspectiva de língua como discurso (Jordão, 2007); 2) se a reprodução de conteúdos gramaticais podem contribuir para o estabelecimento de práticas de letramento contingentes, contextualizados e que levem em conta os interesses dos sujeitos “aprendentes”. Buscaremos refletir também sobre qual o papel do professor em formação neste contexto e de que maneira programas como este contribuem, de fato, para as políticas de internacionalização e quais alternativas seriam viáveis para o desenvolvimento de práticas significativas para os envolvidos nesse processo.

REFLEXÃO E INDAGAÇÕES NO PLANEJAMENTO DE UM CURSO PARA PROFESSORES DE INGLÊS: TEORIA, PRÁTICA E SABERES DOCENTES

Lediane Manfé de Souza (IFPR/UNIOESTE)

O curso de extensão “Educação Linguística, Letramento Crítico e Interculturalidade: expanding horizons in English classes” ofertado pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR), campus avançado Quedas do Iguaçu, propõe o diálogo colaborativo com professores da Educação Básica, integrando teoria e prática através de ações que visam, entre outros aspectos, ampliar possibilidades teórico-metodológicas nas aulas de língua inglesa; provocar indagações sobre questões relativas ao processo de ensino e aprendizagem; incentivar a atuação crítica do professor como pesquisador de sua prática e elaborar, com os (as) participantes, planos de ensino alinhados às epistemologias contemporâneas com a problematização de sua viabilidade e exequibilidade na Educação Básica. O planejamento de um curso para professores de língua inglesa é um processo de reflexividade que não se faz sem questionamentos, dentre os quais: o que levar em conta para definir o currículo do curso? O que é importante para os professores e suas realidades? Em que medida a teoria se integra à prática docente? Como discutir abordagens teórico-metodológicas sem desvalorizar os saberes dos professores participantes? Tais indagações não se limitam à elaboração da proposta inicial do curso, pelo contrário, elas estão presentes no planejamento, aparecem durante a interação com os professores, e, como consequência, provocam reflexões que ajudam a dar contornos locais e novos rumos a esses encontros.

LETRAMENTO NOS ANDES: ESTUDO DE CASO NAS COMUNIDADES CORIVIRI E MACHACOYA NA REGIÃO DO "AYLLU PACAJES" NA BOLÍVIA

Ana Carla Barros Sobreira (UFU)

Este trabalho é um recorte preliminar de uma pesquisa de mestrado sob a orientação do Prof. William Mineo Tagata. Trata-se de uma investigação a respeito do processo de letramento que está ocorrendo na Bolívia, mais especificamente nas comunidades indígenas de *Coriviri* e *Machacoya*, na região do *Ayllu Pacajes*. Com a promulgação da nova constituição em 2007, baseado na premissa de que ao adquirir a escrita, as línguas indígenas de tradição oral tornam-se tão importantes quanto a língua dominante, o atual governo boliviano as incorporou ao currículo educacional formal, juntamente com o espanhol, língua oficial do país. Diante disso, esta pesquisa pretende investigar se os processos educacionais que estão em andamento na região do *Ayllu Pacajes* representam uma perspectiva indígena ou uma perspectiva hegemônica, se são favoráveis à preservação do capital cultural indígena no *Ayllu Pacajes*, e como esse processo está sendo recebido pelos professores e pela comunidade. Para tal, será uma pesquisa etnográfica de cunho qualitativo, onde estarei inserida na comunidade como observadora participante. No período de convivência com a comunidade serão realizadas entrevistas com os participantes da pesquisa como também notas de campo, diários, corpus de textos sobre o campo que contarão com minhas impressões como pesquisadora.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL BILÍNGUE

Marielly Pereira da Silva Faria (UEG)

É perceptível socialmente e retratado em estudos o aumento do interesse pelo inglês como meio de comunicação para inclusão no mundo globalizado, bem como a oferta de seu ensino para crianças (CAMERON, 2001; PINTER, 2006). A partir de leituras e estudos feitos até o momento, problematizo a formação de professores de inglês para

crianças e proponho a discussão de novos programas de formação, considerando que, no Brasil, a estrutura dos cursos de Licenciatura em Letras ainda não atende a tais necessidades, defendendo a importância de que os mesmos incorporem em seus objetivos, a formação do profissional de línguas estrangeiras que passa a atuar junto ao público infantil. Para tanto, realizei uma pesquisa bibliográfica partindo de autores como Rixon (1995) e Phillips (2003), que chamam a nossa atenção para o fato de não termos um grande número de professores capacitados para atuar satisfatoriamente no ensino de língua estrangeira para crianças em escolas primárias. Leffa (2011), que discute fatores que fazem do compromisso do professor de línguas estrangeiras político. O autor discute aspectos da formação relacionados com a LDB, o papel da Universidade e das Associações de Professores e as implicações do ensino de uma língua multinacional. Vieira-Abrahão (2012) que discute a formação dentro da perspectiva sociocultural, que considera os programas de formação de professores, de uma perspectiva sociocultural, a aprendizagem docente como um processo dialógico de coconstrução de conhecimentos que é situado e emerge da participação em práticas e contextos socioculturais. Paiva (2003), indica que a carga horária destinada para o ensino de uma língua estrangeira é pequena. Desse modo, concluo que o sucesso do ensino de inglês para crianças recai, dentre outros inúmeros fatores, na formação (contínua) do professor e na relevância da reflexão crítica (SMITH, 1992) como parte integrante desse processo.

PARA PROBLEMATIZAR FORMAÇÃO DOCENTE NO BRASIL: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, SUJEITO E ENSINO

Mariana Mastrella-de-Andrade (UnB)
Rosane Rocha Pessoa (UFG)

Embora mudanças sejam uma constante em nossas vidas cotidianas, visíveis a todo o tempo nos noticiários, nas políticas locais e mundiais, nas identidades, no ir e vir das pessoas no globo (BLOMMAERT, 2005), é possível encontrar uma fixidez insistente em concepções fundamentais para a formação docente, tais como "língua", "sujeito" e "ensino". Por exemplo, por que a "língua" permanece sendo compreendida apenas como código responsável pelo envio de mensagens? Por que nossas ideias de "sujeito" mantêm-se ligadas a informações textuais e racionais fixas sobre quem são as pessoas que habitam o mundo do ensino de línguas (suas idades, gênero, classe, gostos, estilos, preferências, habilidades ou "deficiências" etc.)? Por que "ensino" subsiste em nossas mentes como atos de transmissão de conhecimentos (entendidos, aqui, como informações objetivas a serem adquiridas)? Que mudanças professoras/es em formação e formadoras/es podem fazer para romper essa fixidez? Será que a compreensão de que essas questões foram herdadas da racionalidade moderna ou da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) pode nos ajudar a desconstruir nossas práticas de formação no Brasil e a buscar propostas decoloniais de formação docente?

OS EXAMES INTERNACIONAIS DE LÍNGUAS COMO INSTRUMENTOS DE NORMATIVIDADE

Alejandro Néstor Lorenzetti (UFPR)

Esta reflexão está focada no uso dos exames internacionais de línguas como instrumentos de Política Linguística (SHOHAMY, 2007). Por meio dos casos do CELPE-BRAS (português) e do CELU (espanhol) nos perguntamos sobre os efeitos

destes instrumentos no estabelecimento da norma de prestígio, as hierarquizações e o favorecimento ou supressão da diversidade linguística. Usamos o conceito de “normatividade” (Mc KINLEY, 2017) atendendo a que, diferentemente da “norma” que poderia ser entendida como a “media”, esta tem efeito para o futuro, impõe muito mais do que uma maneira particular de falar ou escrever. É capaz de transmitir os valores dos grupos sociais associados a essa modalidade considerada “padrão”. Assim pretendemos abrir o debate centrados nas perguntas, o que conta como língua nos exames? e que grupo social está representado nestes exames?

**DEVELOPING AND SUSTAINING CRITICAL EDUCATOR
PROFESSIONAL(ISM): WHAT POSITIVE, STRENGTHS-BASED SOCIO-
PROFESSIONAL PRACTICES MIGHT TELL US**

Shannon Christina Svaldi (University of Colorado, Denver)

Educators who are successfully serving students from socially complex backgrounds in the United States are dedicating an unprecedented amount of time to working in socio-professional settings (e.g. instructional leadership teams, grade-level teams, behavior teams, etc.). They are also using increasingly positive, strengths-based approaches to systems, instruction, and interactions with students (e.g. positive behavior interventions and supports, growth mindsets, funds of knowledge, etc.). Yet, little is known about positive, strengths-based practices in socio-professional settings or the ways they may contribute to developing and sustaining critical professionalism (SVALDI, in press). This poster provides a window into one such practice, beginning with a brief ethnographically informed description (SPRADLEY, 1980) of the practices followed by examples of different forms of agency (KEGAN, 1982, 1994) they were found to support in socio-professional settings (SARASON, 1972). These are then used as a point of departure for problematizing decontextualized and deficit-oriented forms of developing and sustaining critical educators and education. In presenting positive, strengths-based collegial practices from an Anglophone origin through a constructive-developmental lens at FICLLA, I hope to provide an opportunity for us to explore the common ground and contested territory that may lie between our diverse practices, policies, and theories.

**ENSINO DE ESPANHOL PARA SURDOS NA PERSPECTIVA DO
LETRAMENTO CRÍTICO: IDENTIDADE, INCLUSÃO SOCIAL E QUESTÕES
PEDAGÓGICAS**

Rayssa Oliveira Sousa (UnB)

A inclusão dos estudantes com deficiência no Brasil ainda é um desafio, sobretudo, para os alunos surdos que apresentam singularidades linguísticas próprias de sua cultura. Diante desse contexto, com base em uma pesquisa realizada em 2017, pretendeu-se investigar como se dá o processo de ensino e aprendizagem de espanhol como língua estrangeira para esse público. Para isso, um dos objetivos são pesquisar como as aulas de espanhol elaboradas sob a perspectiva do Letramento Crítico podem contribuir para a inclusão social desses/as estudantes e promover reflexões acerca da identidade surda no processo de ensino e aprendizagem de espanhol. Para tanto, esta pesquisa ancora-se nos seguintes construtos e teóricos: MENEZES DE SOUZA, 2011; DUBOC, 2015, 2016; MONTE MÓR, 2015; TÍLIO, 2015; JORDÃO, 2015a, 2015b, 2016). Sob a proposta do

bilinguismo na qual a Libras é legítima, respeitada e garantida, foram ministradas algumas aulas na Escola Pública Integral Bilíngue Libras e Português escrito de Taguatinga em uma turma de alunos do terceiro ano do ensino médio. As aulas foram organizadas em temas de relevância social, tais como: racismo, *bullying* e padrões de beleza. Problematisa-se de que forma as aulas ministradas sob a perspectiva do letramento crítico podem contribuir para a inclusão social desses/as estudantes, pois como as aulas estavam engajadas com questões sociais, culturais e educacionais, elas proporcionaram espaços para que os/as alunos/as pudessem refletir e construir opiniões sobre diferentes aspectos da vida social. Além disso, é importante discutir sobre a importância de que as aulas sejam ministradas em Libras, primeira língua dos estudantes surdos participantes da pesquisa. Além da língua de sinais, cabe discutir e analisar quais as atividades pedagógicas podem ser realizadas de forma que considerem as singularidades linguístico-visuais dos alunos. Por fim, por meio da pesquisa realizada sugere-se uma proposta de ensino de língua estrangeira que não esteja focada apenas no conhecimento linguístico, mas sim que contribua com a promoção da cidadania dos/as estudantes, promovendo reflexões e problematizações acerca da vida social e dos preconceitos recorrentes.

INTERNACIONALIZAÇÃO E ACESSIBILIDADE

Gabriela Fagundes Laufer (UFPR)
Thaina Caroline Frankiw (UFPR)

Desde a década de 90, a configuração de relação entre os países do mundo todo ganhou uma nova face - a da globalização. Num primeiro olhar, os muros foram derrubados e a mobilidade se tornou, de certo modo, mais acessível. Mas, a questão que ainda paira é: para quem? Num olhar mais a fundo, observa-se que, dentro da realidade brasileira, intercambistas continuam sendo pessoas de capital mais elevado ou alunos extremamente esforçados que a meritocracia neoliberal usa como exemplo de que tudo é possível. Isto se deve ao fato de que as ações de internacionalização não envolvem toda a comunidade acadêmica. Os alunos - que deveriam ser os mais beneficiados com estas experiências - dificilmente estão ligados de forma direta a estas ações. O cenário piora quando se trata da área de humanas. Em gestões passadas, o governo brasileiro proporcionou um grande incentivo para a mobilidade acadêmica entre países da Europa, EUA, Ásia e América Latina, porém direcionado para cursos das áreas de ciências exatas e biológicas. Quais as possibilidades, então, de tornar essas ações amplas de forma igualitária para todas as camadas da universidade? Pensando a partir de outro viés, um exemplo de ação de internacionalização é a prática de aulas ministradas em língua estrangeira, principalmente a língua inglesa. Contudo, nem todos os alunos possuem níveis de compreensão e produção adequados para absorção completa de conteúdos passados em outra língua, devido a fatores como a precariedade do ensino de línguas na educação básica. Dessa maneira, o que fazer com a perda de conteúdo causada pela barreira linguística?

TROCAR E SEDUZIR PELAS PALAVRAS – ESCRITA ACADÊMICA E SABERES OUTROS

Camila Ribeiro de Almeida Rezende (UFPR)
Ana Luisa Fayet Sallas (UFPR)

Esta é uma proposta de conversa. Quando refletimos sobre o sentido de conversar, as definições dos dicionários nos fornecem uma potente via de diálogo: conversar é trocar palavras, é seduzir pela palavra. Neste sentido, nos questionamos sobre o papel da troca e da sedução na escrita acadêmica – como estamos seduzindo os Outros que nos leem? Qual o papel expressivo e criador de subjetividades dessa escrita? Se as subjetividades se compõem nas experiências de classe, gênero, raça e sexualidade, como elas estão sendo expressas/impresas na escrita acadêmica – sedimentada e padronizada, a priori, por uma cultura patriarcal, eurocêntrica e de supremacia branca? Tendo em vista a sua centralidade na formação docente, como podemos pensá-la sob a perspectiva da interseccionalidade? Qual o espaço para as subjetividades Outras nessa escrita? Essas são algumas questões que buscam confluir e divergir com o tema da roda de conversa, que buscam, sobretudo, dialogar sobre a existência da troca e da sedução naquilo que escrevemos.

RE/CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E RE/POSICIONAMENTO DOCENTE EM EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO COMPARTILHADA DE PROFESSORES

Angela Maria Hoffmann Walesko (UFPR)
Juliana Zeggio Martinez (UFPR)

A práxis, que advém da inseparabilidade entre teoria e prática, é uma ação criadora e modificadora da realidade (FREIRE, 2000), pois promove reflexão crítica e contribui para re/construção de identidades e re/posicionamento docente. Este pôster tem como objetivo compartilhar o trabalho colaborativo desenvolvido por uma Comunidade de Prática (CP - WENGER, 1998) em projetos de letramento, discutindo a legitimação de saberes docentes, a produção coletiva de conhecimentos e o questionamento de realidades escolares. A CP foi constituída por: professores brasileiros de inglês da rede pública; professores intercambistas estadunidenses de diversas disciplinas, que atuam na Educação Básica trabalhando com letramento em língua inglesa para alunos estrangeiros; alunos-professores de graduação de Letras da UFPR e professoras formadoras de Letras e Educação da UFPR e da Universidade de Otterbein (Ohio-EUA). Poderiam, trabalhos de formação docente como esse, efetivamente promover a re/construção de visões de mundo relacionadas ao ensino e aprendizagem de línguas e a culturas estrangeiras (como a dos EUA), bem como a partilha e negociação intercultural de sentidos e valores? As realidades escolares onde os projetos de letramento foram desenvolvidos e as concepções sobre ensinar e aprender dos professores que atuam nessas realidades, foram de fato transformadas? Tais questões serão discutidas com os demais participantes da roda de conversa a partir das reflexões resultantes dessa experiência de formação docente e de outras experiências que venham a ser compartilhadas.

INTERNACIONALIZAÇÃO E IMI: A BLIND DATE?

Édina Aparecida Cabral Bühner (UNICENTRO)

Internacionalizar as universidades brasileiras tem sido o discurso governamental apregoado como algo necessário em face da globalização, porém há diferentes motivos que levam as Instituições de Nível Superior a propor, incentivar e apostar neste discurso (BROWN, 2014; MARTINEZ, 2016; JENSEN & THØRGENSEN, 2011; DEARDEN, 2014, entre outros). Em razão destes motivos, o que se propõe aqui é discutir o lugar

ocupado pelo Inglês como Meio de Instrução/IMI (AGAI-LOCHI, 2015; BELHIAH, 2016; WÄCHTER & MAIWORM, 2014; DEARDEN, 2014; DEARDEN & MACARO, 2016; DEARDEN, AKINCIUGLU & MACARO, 2016, entre outros) e todas as implicações advindas dele. Seria o processo de internacionalização e o IMI um encontro às cegas promovido pela globalização e neoliberalismo econômico? E o que esperar deste encontro, caso eles decidam realmente estreitar a relação? É importante saber (ou não) o que de fato interessa à globalização e ao neoliberalismo a intermediação desse encontro? Além disso, o quê ou quem será atingido por esse envolvimento? Haverá um lado rancoroso desta relação com a formação docente em língua inglesa, principalmente no que se refere competência linguística e abordagem de ensinar? A questão identitária cultural, social e pessoal do professor que se utiliza do IMI, será envolvida nesse blind date?

INTERNACIONALIZAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA NO PROGRAMA PARANÁ FALA INGLÊS SOBRE O VIÉS DO INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA

Beatrice Elaine dos Santos (UEPG)
Aparecida de Jesus Ferreira (UEPG)

Este trabalho objetiva refletir sobre a Internacionalização da língua inglesa promovida pelo programa Paraná Fala Inglês sobre o viés do Inglês como Língua Franca e, para isto, seguem algumas perguntas problematizadoras: 1) Como o processo de internalização da língua inglesa na universidade pode ser efetuado sobre a perspectiva do Inglês como Língua Franca? 2) Considerando que a globalização afeta diretamente o ensino de línguas estrangeiras na formação acadêmica, de que forma o ensino de língua inglesa precisa ser representado em um âmbito multicultural? 3) Que alternativas de ensino de língua inglesa um professor pode ter em um contexto intercultural para que o uso da língua não sofra preconceitos diante de outras variedades? 4) É possível promover a internacionalização de uma língua preservando a identidade de cada falante pertencente a um mundo globalizado?

INTERNACIONALIZAÇÃO NA UFPR E NO CONTEXTO BRASILEIRO

Paola Lorane Carneiro Bim (UFPR)

A internacionalização tornou-se muito popular com a globalização e o avanço da tecnologia e vem sendo cada vez mais discutida no meio acadêmico. Sabemos que a internacionalização envolve diferentes línguas e culturas e que supostamente deveria haver harmonia e igualdade entre essas línguas e culturas, mas não é isso que realmente acontece. Há muitas relações desiguais e questões a serem discutidas como, por que o inglês é a primeira língua que vem à mente quando se fala de internacionalização? Quem são as pessoas que chegam na universidade e de onde são? Que língua essas pessoas falam? Como essas pessoas são tratadas por serem de outros países e possuírem diferentes culturas e costumes? Essas e outras questões, que serão levantadas nas rodas de conversa, devem ser discutidas entre as pessoas envolvidas no meio acadêmico para que melhorias possam acontecer.

GAMES E SUAS IMAGENS: APENAS UM PRODUTO DE ENTRETENIMENTO?

Luís Antonio Trigolo Júnior (PLE/UEM)

Aline Scarmen Uchida (PLE/UEM)

Durante muito tempo, o sistema de ensino básico teve como enfoque principal a leitura e a escrita linear quase que exclusivamente em seu alicerce. Porém, para muitos pesquisadores, atualmente existe a necessidade de se pensar sobre práticas pedagógicas que sejam mais abrangentes e que incorporem formas de ensino diversificadas, dada a heterogeneidade que uma sala de aula pode apresentar. Em meio aos anos 1990, surge a chamada "pedagogia de multiletramentos" (Cope & Kalantzis, 2009) a qual prevê outras formas de aprender que contemplam as mais diversas mídias, como os videogames, por exemplo. Gee (2003) afirma que games podem contribuir para a formação do leitor crítico, pois "incorporam bons princípios de aprendizagem" (p.6). Levando em consideração essa afirmação, o presente estudo visa a problematizar tais pressupostos no tocante à apresentação da realidade por meio de imagens que aparentemente seriam somente para "entretenimento". Nesse sentido, buscar-se-á colocar em xeque questões como construções de imagens atravessadas por ideologias e como estas se estabelecem dentro de games contemporâneos de grande sucesso. Serão utilizados os preceitos de Gee (2003), Cope e Kalantzis (2009) e Ferraz (2014).

DEZ ANOS DE LEITURA DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO NO ESTÁGIO DE LÍNGUA INGLESA DO CURSO DE LETRAS DA UFCG

Marco Antonio Margarido Costa (UFCG)

O presente trabalho tem por objetivo problematizar as contribuições das Orientações Curriculares para o Ensino Médio nas disciplinas de Estágio em Língua Inglesa do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Campina Grande, no período 2009-2018. As propostas elaboradas pelos licenciandos para os alunos do Ensino Médio são frutos de discussões realizadas durante a referida disciplina, que é oferecida aos discentes em fase de conclusão de curso. A elaboração das propostas tem início com a discussão das citadas Orientações e com reflexões sobre perspectivas críticas para o ensino de línguas, notadamente, as teorias sobre os letramentos na formação de docentes de língua inglesa e no desenvolvimento de novas epistemologias e metodologias decorrentes de tais teorias. As práticas pedagógicas dos futuros professores vem provocando mudanças não apenas no público-alvo almejado, mas, sobretudo, nos próprios licenciandos, ao (re)pensarem os propósitos do ensino de inglês na escola pública. Tais mudanças acarretam desestabilizações nas concepções de língua(gem), de ensino de língua inglesa e, de modo mais acentuado, nos processos identitários com os quais os licenciandos se deparam durante a formação acadêmica. Frente a esse contexto de (re)formulações, pretendemos contribuir com a discussão acerca das características desejáveis para o professor formador na contemporaneidade.

O QUE PODE UMA MONITORIA? – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ricardo Peixoto Pinto (UFPR)

O programa de monitoria da UFPR se baseia em uma atividade de ensino e aprendizagem que possibilita a ampliação da formação acadêmica. Nesse sentido, o objetivo desse pôster é apresentar algumas potencialidades do programa em desenvolver habilidades inerentes à docência, aprofundar conhecimentos na área específica e contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos monitorados. No programa de monitoria da disciplina de Inglês Básico, o monitor se colocou à disposição dos alunos para dirimir possíveis dúvidas, auxiliar em atividades que seriam apresentadas pelos alunos, buscando construir um “tom” de parceria. O fato de estar em contato direto com alunos, na condição também de acadêmico, propicia situações extraordinárias, únicas e alegres. Pode, também, despertar ainda mais o interesse pela docência, não de um modo ideal, mas percebendo sua realidade e contradições. Uma parte considerável do programa de monitoria foram as dificuldades que fazem parte desse processo, desde a falta de confiança de que um acadêmico possa atuar junto a outro igual, até a complexidade da tarefa de buscar recursos e estratégias para tratar das demandas dos alunos. Nesse sentido, o encontro entre o monitor e a professora se torna necessário ao delineamento e discussão das atividades específicas que podem ser trabalhados nos encontros de monitoria.

O CAPA (UFPR) COMO “ESPAÇO DE RESISTÊNCIA” À INTERNACIONALIZAÇÃO E O “PUBLISH OR PERISH”

Thais Rodrigues Cons (UFPR)

Este trabalho busca problematizar a visão do “writing center” como prestador de serviços no contexto do Inglês para Propósitos Acadêmicos - ou ERPP - English for Research and Publication Purposes, como definido por Cargill e Burgess (2008) e Flowerdew (2013) - e da cultura “publish or perish” (LEE; LEE, 2013). Tal discussão é pertinente num contexto de crescente preocupação com a internacionalização do ensino superior e de uma mercantilização da produção do conhecimento. O CAPA (Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica), um centro de escrita acadêmica (“writing center”) da Universidade Federal do Paraná, apesar de ser um “writing center”, é diferente daqueles comumente descritos na literatura sobre o tema. Como consta nos documentos explicativos do próprio CAPA, há a visão de escrita como processo, e a criação de uma rede de colaboração entre escritores, acessível tanto para a UFPR quanto para outras universidades e comunidades. Portanto, busco problematizar a tensão existente entre o contexto de internacionalização dos espaços universitários e a o CAPA, um centro cuja proposta tem uma visão de escrita que resiste a discursos redutores sobre a escrita e a publicação de textos acadêmicos em inglês, e oferece uma rede de apoio aos escritores.

COLABORAÇÃO, REFLEXÃO, AÇÃO: PRÁTICAS DE COACHING E CO-TEACHING NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM COMUNIDADES DE PRÁTICA

Angela Maria Hoffmann Walesko (UFPR)

Catarina Portinho-Naujack (UFPR)

Inspiradas pela ideia freiriana de que “quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender” (FREIRE, 2002, p. 25), acreditamos que um caminho frutífero para a formação inicial de professores seja o do aprender a aprender em um modelo colaborativo, que permita ao professor em formação inicial conhecer suas necessidades e desenvolver suas potencialidades ao olhar o “outro” e poder “ver-se” com novas lentes, bem como na ação-reflexão de “olhar o outro”, engajar-se com e na formação desse outro. Mas como pensar e organizar a formação docente a partir de tais perspectivas? Podemos considerar práticas de *coaching* e *co-teaching* como eficazes nesse processo de formação? Como o aprender a aprender e ensinar colaborativos, a trans/formação de identidades pessoais e profissionais dos alunos-professores, no engajamento e responsabilidade mútuos em prol de objetivos comuns seriam desenvolvidos em Comunidades de Prática (WENGER, 1998)? Pretendemos discutir tais questões a partir de experiências em um trabalho de formação com licenciandos de Letras-Inglês e Alemão da UFPR no Projeto Formação em Línguas para Fins Acadêmicos, entre 2016 e 2018, contando com as contribuições dos participantes da Roda de Conversa “Formação de Professores de LE no Brasil” a partir de suas experiências, para juntos refletirmos e questionarmos práticas de formação de professores de LEs, em especial no ensino superior nacional.

A DISTÂNCIA ENTRE A FORMAÇÃO DOCENTE E OS CONTEXTOS DE ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL

Débora Torquato de Almeida (SEED - DF)

No Curso de Letras no qual me formei, a formação docente é conhecida como reflexiva e voltada para o ensino comunicativo de línguas (ALMEIDA FILHO, 1993). Nesse paradigma, entende-se formação como espaço teórico para se aprender e refletir sobre a profissão visando à prática de ensino na escola. Sendo professora de inglês na Educação de Jovens e Adultos em uma escola de periferia no DF, deparei-me com um contexto complexo, diferente dos que vi enfocados durante minha formação inicial. Buscando continuar minha formação, fiz uma disciplina no mestrado em que o professor formador debateu a divergência entre o aprendido na universidade e a prática de ensino feita na escola. Neste momento, apresentei minha vivência na EJA, as dificuldades enfrentadas, as quais o mesmo professor nomeou “situação emergencial de ensino”, isto é, um contexto que não se aplicaria às questões de formação debatidas. A realidade escolar, de alunos e professores habitando o chão da escola, foi considerada mero fator externo, o que me move a indagar: o que, afinal, é formação? Que modelos temos enfatizado? Por que dissociamos teoria e prática no ensino de línguas e na formação de professores? Pretendo problematizar essas questões buscando repensar nossas visões e processos formativos.

AGÊNCIA E IDENTIDADE DE PROFESSORES DE INGLÊS ENQUANTO SUJEITOS COLETIVOS

Denise Silva Paes Landim (USP-PG/UFT)
Ana Cláudia Turcato de Oliveira (UFMG-PG/UFT)

Por meio do exercício de criticidade proposto por Menezes de Souza (2011) a partir de Freire (1995), o ler-se lendo proporciona o entendimento de posicionamentos enquanto

sujeitos coletivos. Dessa forma, compreendemos que a opção por um curso de licenciatura se repita para muitas mulheres de nossa classe social de origem. Além disso, não podemos deixar de considerar a classe social quando pensamos nas licenciaturas em universidades públicas e no fomento da era Lula em parcerias como o Proni. O conhecimento de Língua Inglesa, em específico a oralidade, pode ser tratado como um sinal de distinção entre muitos grupos sociais, quando ainda se reconhecem as dificuldades das escolas públicas em torná-lo uma prática acessível a todos os estudantes, embora isso venha se modificando com a popularização das tecnologias digitais. Em suma, nossa problematização é a seguinte: uma vez que nos tornamos cientes dos processos que nos tornam quem somos, temos maior controle em nossas escolhas e, conseqüentemente, maior agência profissional e pessoal. Porém, o processo de agência advém de experiências coletivas e contingentes. O que podemos fazer para tornar visíveis essas marcas históricas enquanto professoras e formadoras?

ENSINO DE LÍNGUAS EM DIFERENTES CONTEXTOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE PROCESSOS DE LETRAMENTO

Itamara Peters (SEED-PR)

O ensino de línguas por si só já se constitui em um grande desafio para os docentes, analisar e compreender esse processo em contexto diferenciado da sala de aula convencional exige um processo mais amplo de reflexão sobre o objeto de estudo e sobre o contexto do processo de ensino. Tomando como objeto de estudo a educação inclusiva e os diferentes contextos de atuação docente propomos discutir de modo mais amplo, que possibilidades de ensino o professor de línguas tem ao adentrar em um contexto diferenciado, que habilidades e domínios lhe são exigidos e que perfil docente se pode pensar para atuação num contexto complexo e diferenciado. Elencamos como base teórica para discussão os estudos sobre processos de letramento, conceitos e discussões sobre educação especial e inclusiva, estudo sobre a formação de professores e os saberes da docência visando compreender quem é o sujeito professor de línguas que assume o desafio de uma educação em espaço diferenciado e diverso do convencional, como se constituem as questões de ensino e quais os caminhos que podem ser pensados para a construção de processos de ensino.

MAS ISSO É PAPEL DO PROFESSOR, NÃO É MESMO?

Rafael Zaccaron (UFSC)

Partindo do posicionamento de Weininger (2013), que defende a autonomia tanto para professores quanto para aprendizes de uma L2. Esse pôster problematiza questões que surgem quando atividades consolidadas como parte do papel do professor são desenvolvidas pelos alunos, dentro de uma perspectiva crítico-reflexiva. Três turmas de inglês como L2 do curso Extracurricular da UFSC participaram da pesquisa entre 2017 e 2018, sendo as seguintes atividades desenvolvidas pelos alunos: peer-review anônimo e feedback dialogado (FIGUEIREDO; VIEIRA, 2017) para produção escrita e a preparação de revisões para a avaliação. Desse movimento, questões identitárias emergem e colidem sobre as expectativas de alunos e o professor em formação. Relatos dos participantes através de questionários apontam um panorama plural da percepção sobre exercer o que é entendido como função do professor, tais relatos levantam questões sobre as crenças de como uma aula de L2 deve ser conduzida. Sob o viés do

professor em formação são analisadas as interações que emergem de tal movimento experimental a fim de questionar a expectativa dos alunos em vista das potencialidades do olhar crítico-reflexivo dos mesmos.

IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS, NEGOCIAÇÕES DE IDENTIDADE E TRAJETÓRIAS PESSOAIS EM NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE DOCENTES EM UMA ESCOLA DO INTERIOR PARANAENSE

Ivete Oczust Nitek (UEPG)

Neste trabalho, investigamos o contexto sócio- histórico, cultural e linguístico dos docentes de uma escola do interior paranaense, observando como eles se comportam em relação à língua e à cultura polonesa. Propomos analisar as concepções de língua construídas ao longo de suas trajetórias pessoais a fim de compreender as negociações de identidade por meio de narrativas autobiográficas e também por meio de imagens compartilhadas por eles por livre e espontânea vontade. O trabalho segue o viés da Linguística Aplicada e para tanto, ancoramos a pesquisa na análise dialógica do discurso, a partir do círculo de Bakhtin; nas negociações de identidade, a partir de Pavlenko e Blackledge, Hall, Bauman, Canclini, Eagleton, Bhabha; ideologias linguísticas, alicerçada em Woolard e Schieffelin e, narrativas autobiográficas em Alexandra Georgakopoulou. As vozes dos participantes desta pesquisa nos permitem acessar outras narrativas, afinal, falamos de docentes de um município multilíngue do Sul do Paraná para observar as singularidades na interação. Desse modo, trazemos ao diálogo as negociações identitárias, oportunizando que questionemos a formação de identidade de professores bem como a homogeneização que muitas vezes ocorrem em geração de dados de pesquisa a partir de biografias, trabalhando dessa forma contra a subalternidade e o silenciamento.

A CRUZADA MORAL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS HOJE NO BRASIL

Ana Paula Marques Beato-Canato (UFPR/UFRJ)

Ao analisarem o cenário brasileiro atual, alguns pesquisadores (ALMEIDA, 2017; RODRIGUES, 2017; MISKOLCI, 2018) apontam que está em curso uma cruzada moral que recusa e reage a mudanças nas relações de poder sob o disfarce de defesa de alguns princípios, como os da família (tradicional). Aponto o Escola Sem Partido (ESP) como um forte movimento a favor dessa cruzada, o qual tem contribuído para a difamação da educação brasileira e a perseguição de professores, como apontam estudos de diversos pesquisadores que têm se debruçado sobre o tema (PENNA, 2016; PINHEIRO, 2017; AQUINO, 2017; CARA, 2018; BEATO-CANATO, 2018; BEATO-CANATO; FABRÍCIO, prelo). Colocando-se como uma organização apartidária e neutra, o ESP defende a escola como espaço neutro, que ensine e não eduque, o que seria dever exclusivo dos pais (NAGIB, s.d.). Apesar disso, seus líderes declaram abertamente que o ESP é um movimento de resistência à doutrinação de esquerda e a favor da preservação da família (tradicional exclusivamente). Com suas ações, o movimento tem contribuído para a polarização da sociedade e o silenciamento e a perseguição de professores inseridos em uma cultura de ódio, difamação e denúncias. Nessa conjuntura, alguns questionamentos a serem feitos são: Quais são as concepções de ideologia, de língua e educação nas quais o ESP se apoia? O curso de Letras tem responsabilidade

sobre tal panorama? Estamos formando professores engajados e preparados para atuar de maneira informada nesse contexto? O que, como (formadores de) professores, podemos fazer nesse contexto?

PÓS-MEMÓRIA: CONCEITOS, DEFINIÇÕES E PROBLEMATIZAÇÕES

Mariana Adrielle Coura (UFMG)
Andréa Machado de Almeida Mattos (UFMG)

Com o objetivo de melhor compreender o conceito de Pós-memória e buscar possibilidades reais para seu uso nas pesquisas sobre identidade do professor de língua estrangeira, esta proposta de pôster traz conceitos, definições e problematizações sobre o tema. Os conceitos e definições buscam informar os participantes da Roda de Conversa sobre o que significa o termo e como ele tem sido usado em outras áreas do conhecimento, bem como seus desdobramentos até o momento. Já as problematizações questionam mais explicitamente as potencialidades do conceito na área de Linguística Aplicada e na formação de professores de línguas. A partir da definição inicial de Hirsch (1997), para quem o termo refere-se à “experiência daqueles que crescem e vivem dominados pelas narrativas que precederam o seu nascimento” (p. 22), e da proposta da Roda de Conversa que sugere o uso do termo em relação ao período militar brasileiro, trazemos as seguintes problematizações: Como o conceito pode ajudar a compreender a identidade do professor de línguas no contexto brasileiro atual? Como o conceito e seus desdobramentos podem contribuir para a agência do professor de línguas e para uma proposta de justiça social? É possível aplicar o conceito na sala de aula de língua estrangeira?

DESTRINCHANDO A CONSTRUÇÃO METAFÓRICA DE UM ESPAÇO DE CRENÇA SOBRE APRENDER A PRONÚNCIA DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Ana Maria dos Santos Garcia Ferreira Martins (UTFPR)

Dentro de sua complexidade e caráter paradoxal, crenças são consideradas como forma de pensamento, como construções da realidade, e maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos (BARCELOS, 2006). Pesquisas nessa área têm apresentado diferentes conceitos teóricos e abordagens metodológicas: normativa, metacognitiva e contextual. Pesquisas com abordagem normativa coletam dados a partir de questionário, como o BALLI de Horwitz (1985). As que têm abordagem metacognitiva, são realizadas com uso de entrevistas semiestruturadas e auto avaliação, por exemplo. As que apresentam abordagem contextual, geram seus dados a partir de uma postura ética, e não ética; e usam observações, narrativas, textos autobiográficos e uso de metáforas. Kramsch (2003) propõe que uma metáfora poderia ser processada com abordagem sócio psicológica ou sócio discursiva; ou ao invés, com a construção metafórica de um espaço de crença. Considerando esses conceitos, este pôster pretende problematizar a prática de sala de aula com uso de imagens que representam crenças de alunos de Letras sobre aprender a pronúncia de uma língua estrangeira. Abordaremos: Se aprender a pronúncia é como abrir uma porta, qual é a chave? O que tem do outro lado? Como domar um leão? Quem pode domá-lo? Tenho rodinhas para aprender a andar de bicicleta? Qual a diferença entre timbre, afinação, ritmo e velocidade da música?

INTERNACIONALIZAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: ACOLHIMENTO DE/PARA QUEM?

Aline Nascimento Barbosa (PPGL/UFPR)
Caroline Vieira Rodrigues (PPGL/UFPR)

Em consequência do fluxo migratório no Brasil que aumentou 87% nas últimas décadas (OLIVEIRA, 2013, p. 197), nota-se uma crescente abertura das universidades para a entrada de alunos estrangeiros. A partir de políticas de internacionalização, nos cursos de graduação da UFPR, foram admitidos mais de 50 alunos estrangeiros de 20 países diferentes apenas no primeiro semestre de 2018; esse público abrange alunos que chegaram através de acordos internacionais de mobilidade acadêmica e estudantes refugiados que acessam o Ensino Superior através de processo seletivo especial para sujeitos portadores de visto humanitário e de refúgio no país. Nosso objetivo neste trabalho é pensar em como a abertura universitária para a diversidade cultural nos direciona a outro questionamento: há abertura para a diversidade linguística? Diante da presença de alunos estrangeiros em salas de aula onde a língua portuguesa é a mediadora do ensino, propomos refletir sobre questões de língua e identidade no acolhimento desses estudantes na graduação. Este trabalho está alicerçado em aportes teóricos e epistemológicos como Block (2007), Norton (1997) e Norton & McKinney (2011). Buscamos levar a uma reflexão crítica sobre como o acolhimento de identidades migrantes é regido por crenças que podem influenciar significativamente o sucesso de estudantes na universidade.

A CAMPANHA PUBLICITÁRIA COMO FERRAMENTA ARGUMENTATIVA DE MÚLTIPLOS DISCURSOS CRÍTICOS

Ariane Peixoto Mendonça (UEG)

No presente trabalho, propomos um estudo sistemático sobre o gênero campanha publicitária, cujo objetivo é utilizá-lo como instrumento para descrição, interpretação e problematização dos recursos semióticos utilizados como força da comunicação pela imagem. Analisa e compreende o indivíduo em suas relações com seus próprios desejos e motivações ressaltando assim, a necessidade cada vez mais urgente de um letramento multimodal para a compreensão e estudo dos mais diversos gêneros discursivos. Sob a luz da Análise do Discurso Crítica (RAMALHO & RESENDE, 2011), por se tratar de uma abordagem científica interdisciplinar para estudos críticos da linguagem como prática social, além de uma visão sociointeracionista de linguagem, fundamentamos nossas análises na Teoria Multimodal da Semiótica Social, mais especificamente nos trabalhos de Kress (2011), Kress e Van Leeuwen (2001, 2006), e Joly (2007); nas concepções de texto de Koch (2002); nas teorias dos gêneros textuais de Bakhtin (2003) e de Marcuschi (2008); As múltiplas semioses desse gênero despertam o olhar para um novo perfil de leitura crítica que engloba não só recursos linguísticos, mas também aspectos contextuais, imagéticos e digitais, bem como a sua capacidade de argumentação. Partimos da perspectiva de gênero como “uma forma de ação social” (MILLER, 1994), como um “conjunto de enunciados relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003), interativos, multimodalizados e historicamente situados, capazes de sofrer transmutações para atender às necessidades de interação social.

**OTTERBEIN (Ohio/USA) – UFPR: UMA PARCERIA INTERCULTURAL,
ENTRE PROFESSORES DE ESCOLA PÚBLICA, QUE DEU CERTO!**

Patricia Helena Haas de Macedo (Esc. Mun. Papa João XXIII/Colégio Positivo Junior)
Rebeca Lessmann (Celin-UFPR)

Viver uma experiência intercultural é, sem dúvida, de grande valia para a formação da identidade de um professor de Língua Estrangeira, pois o contato com outras culturas lhe possibilita ressignificar perspectivas e imaginários sobre os outros e sobre si mesmo. Para muito além de praticar o idioma, integrar um programa intercultural/internacional pode trazer aprendizagens relacionadas aos costumes e crenças que perpassam o ensino-aprendizagem de uma língua. Por vezes, nesse processo, o que acontece é uma quebra de paradigmas e de ideias pré-concebidas, mitos que vão por terra e aprendizagens que se (re)constroem. Desse modo, este pôster busca compartilhar desafios e complexidades de uma experiência vivida, em julho de 2018, por duas professoras de escolas municipais, duas outras de escolas estaduais de Curitiba e região metropolitana e 1 aluna graduanda do Curso de Letras/UFPR – todas docentes de Língua Inglesa. Nosso objetivo está em dialogar com participantes do evento que já vivenciaram experiências interculturais semelhantes e com aqueles que desejam participar de programas que propiciem trocas produtivas de saberes e vivências entre línguas, povos e culturas diferentes. Para muito além do simples deslumbramento em encontros culturais e/ou da suposta linearidade da comunicação, buscamos problematizar o papel da interculturalidade na formação de professores.

**GUARANI E PORTUGUÊS: DESAFIOS CONJUGAIS EM UM CONTEXTO
ESCOLAR INDÍGENA**

Fernanda Martins Felix (UFPR)

As problematizações neste resumo pretendem seguir nos direcionamentos da pergunta 4, proposta pela Comissão Organizadora do FICCLA para a Roda de Conversa escolhida, que assim é postulada: **COMO DAR VISIBILIDADE ÀS LÍNGUAS INDÍGENAS SEM DESPREZAR AS DEMAIS LÍNGUAS ESTUDADAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA O CENÁRIO NACIONAL? HÁ ESPAÇO/TEMPO PARA TODAS?** O contexto do qual se parte para empreender na direção dessa problematização é, especificamente, o de uma escola indígena, localizada na Aldeia Araçá'í na região metropolitana de Curitiba, em que convivem as línguas guarani e portuguesa. A escola, que possui regimento específico, a partir das legislações da Constituição de 1988 e da LDB de 1996, recebe alunos indígenas do primeiro ao nono ano e é composta por professores e administradores indígenas e não indígenas. As crianças, ao entrarem na escola, são praticamente monolíngues em Guarani e lá devem receber formação para o letramento em ambas línguas. São inúmeros os desafios: como trabalham alunos e professores que não falam a mesma língua? Como se dá o letramento bilíngue nessa comunidade? Como transitar entre as epistemologias Guarani e caraíba, branca, no que tange ao letramento? Quais os desafios para empreender uma educação bilíngue nos contextos indígenas? Como ficam as outras línguas (LIBRAS, Inglês, Espanhol)? Esses e outros questionamentos serão apresentados e desenvolvidos no e a partir do pôster, o que permitirá a expansão dos debates em torno das relações indígenas e não-indígenas no Brasil, a partir das relações linguísticas.

INSUMO VISUAL NO ENSINO DE LÍNGUAS PARA FINS ACADÊMICOS: PERCEPÇÕES DE APRENDIZADO

Flávio Ricardo Medina de Oliveira (UFPR)
Fernanda Silva Veloso (UFPR)

O presente trabalho visa discutir o papel atribuído ao insumo visual em aulas de línguas estrangeiras organizadas a partir de uma visão sociointeracionista de língua e de seu ensino. Em particular, problematizamos a questão tendo em vista experiências com os cursos de línguas estrangeiras vinculados ao projeto de extensão “Formação em Línguas para Fins Específicos”. Nossa discussão parte do princípio que o insumo visual tem um papel duplo na compreensão textual dos alunos. Por um lado, o insumo visual pode contribuir para a formação de hipóteses e auxiliam na compreensão do texto, seja ele escrito ou oral (RUBIN, 1994). Por outro lado, mais que simples auxílios ou apoios à compreensão, tais elementos visuais frequentemente constituem parte integrante do texto, na forma de elementos paratextuais. Nosso questionamento surge a partir da experiência de muitos alunos que se mostram frustrados quando conseguem compreender um texto ou realizar uma atividade dependendo tanto do insumo visual quanto das informações propriamente linguísticas do texto, declarando que “não aprenderam nada” pelo fato de utilizarem o visual como apoio. Cabe, nesse caso, uma discussão sobre o choque entre as crenças do que aprender significa nas visões do aluno e do professor (BARCELOS, 2004; PADILHA & SELVERO, 2013).

FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL DE LÍNGUA INGLESA: PROBLEMATIZAÇÕES ORIUNDAS DE DADOS GERADOS EM UM PROJETO DE PESQUISA

Célia Regina Lessa Aleixa Devico (UEM)
Josimayre Novelli (UEM)
Luciana Cabrini Simões Calvo (UEM)

Este pôster apresenta questões levantadas e problematizadas a partir de dados gerados no projeto de pesquisa “Formação de Professores de Línguas: aprendizagem e desenvolvimento da identidade docente”, o qual objetiva “estudar e investigar a representação de oportunidades de aprendizagem docente e o desenvolvimento da identidade profissional de acadêmicos do curso de Letras em atividades e/ou espaços (extra)curriculares”. Esses espaços incluem o curso de Letras-Inglês e Português-Inglês, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e o Programa de Integração Estudantil, todos de uma universidade pública paranaense. Tomando como aporte estudos sobre aprendizagem, identidade e bases de conhecimento docente assim como dados gerados no projeto, o presente pôster traz algumas problematizações: Quais experiências vivenciadas nesses espaços de formação, se alguma, têm sido significativas para a aprendizagem docente?; De que maneira, se alguma, esses espaços oportunizam a aprendizagem docente?; Qual a relevância, se alguma, desses espaços ou atividades vivenciadas pelos acadêmicos para a identificação, constituição e fortalecimento da identidade docente?. Espera-se que as discussões oriundas dessas questões possam contribuir com os trabalhos no campo de formação de professores de línguas, bem como oferecer subsídios para aprimoramento e fortalecimento das práticas educacionais no curso de Letras.

O ENCONTRO MULTIMIDIÁTICO

Paulo Silveira Alves (Autônomo)

Engajar o público na discussão acerca do fato que o conceito de mídia e entretenimento não possui uma pureza *per se*, posto que mídias tecnológicas como games e quadrinhos digitais são frequentemente adaptadas de e para outras mídias. Fomentar a discussão proposta por *Cluver*- onde mesmo o interesse nas “artes” e na produção e recepção das “obras de arte” continua, algumas disciplinas (Ciência da Arte, Estudos de Mídia) não consideram mais seus objetos como arte, sendo a tendência atual pensar nelas como práticas sociais. Práticas que extrapolam as fronteiras artísticas e criam novas relações entre o emissor e o receptor. Interessa mais a hibridização decorrente desse processo. O objetivo é apresentar a noção de entretenimento e intermedialidade como um conceito não estanque, onde as teorias são um referencial não prescritivo. E mostrar que os quadrinhos, como os “games”, nasceram das técnicas populares de reprodução, e contribuem para a diminuição da distinção entre cultura de massa e alta cultura. Como exemplo, a adaptação teatral dos quadrinhos de Will Eisner realizada pela Sutil Companhia de Teatro (2005).

MULTILETRAMENTOS E FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA: PRÁTICAS DA CONTEMPORANEIDADE E DESAFIOS PARA O FUTURO

Rayane Isadora Lenharo (UTFPR-CT)

É inegável que as novas tecnologias digitais mudaram a forma como nos comunicamos e lemos o mundo. Todas as esferas de produção do conhecimento estão pensando em formas de como lidar com o fato de que a maioria dos cidadãos possui acesso a um universo de informações visuais, sonoras, textuais, interativas, etc. na palma da mão, com apenas um clique, por exemplo via *smartphone* (que já contabiliza em média um aparelho para cada cidadão brasileiro) (MEIRELLES, 2017). A escola, por mais que esteja inserida nesse contexto, parece não acompanhar tais mudanças. Tendo em vista esses impasses, surgem as seguintes perguntas: quais os principais desafios para a formação de professores de língua inglesa na contemporaneidade? É realmente necessário trabalhar com novas mídias, tecnologias e multiletramentos diversos? Em que sentido pensar na influência desses multiletramentos contribui para a formação de professores? Quais os elementos físicos e abstratos são necessários para uma formação de professores que contemple os multiletramentos? É possível identificar políticas públicas educacionais que se preocupem com a formação dessa nova geração de professores?

PROFESSORES, BIBLIOTECAS ESCOLARES INCLUSIVAS E PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS

Rosângela Coutinho da Silva (FIOCRUZ)

Vagner da Rosa Amaro (UNIRIO)

A aplicação da Pedagogia dos Multiletramentos em práticas de educação inclusiva realizadas em bibliotecas escolares, como apoio às ações realizadas por professores em sala de aula, encontra como desafios o impasse nas relações dos professores com as

bibliotecas escolares e bibliotecários, “a colaboração entre bibliotecário e professor depende do grau de intervenção envolvido no processo de aprendizagem”, (Campelo, 2009), como também, a imagem social da biblioteca e dos bibliotecário, que afetam as proposições para tornar a biblioteca escolar um espaço inclusivo e colaborativo para o letramento de alunos com alguma deficiência; e a ausência de bibliotecas em muitas escolas (apenas 39% das escolas municipais brasileiras de ensino fundamental possuem bibliotecas); além da formação dos professores, que, muitas vezes, não inclui a biblioteca como um espaço de aprendizagem. Considerando que “quando adultos os alunos não conseguem mais utilizar a leitura e a escrita, o que possivelmente é proveniente de um baixo grau de letramento”, é preciso rever o processo de alfabetização nos programas de educação especial, (Shimazaki, 2006), refletindo sobre os desafios para a estruturação da biblioteca com tecnologias inclusivas e a formação de bibliotecários e professores para uma ação cooperativa para práticas de educação inclusiva com uso de multiletramentos.

PROBLEMÁTICAS SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: OS MULTILETRAMENTOS COMO PONTO DE PARTIDA

Natália Barros da Silva Gomes (UEM)
Fernanda Machado Brener (UEL)

A pedagogia dos multiletramentos não é uma resposta mágica para resolver e/ou minimizar a exclusão nos contextos brasileiros. Mas, é um ponto de partida para problematizar a educação inclusiva. Isso porque, ao enxergar a sala de aula como um ambiente plural, compreende-se que o professor precisa oferecer diferentes portas de acesso aos conteúdos. Afinal, cada indivíduo aprende de maneira única e cada recurso utilizado pode ser mais ou menos produtivo no processo de construção de sentidos. As dificuldades de aprendizagem, os transtornos, as síndromes, a cegueira, a surdez são fatores que compõem a diversidade escolar. E quando o professor abre a porta da sala e se depara com tantas variáveis, está preparado? Basta entender de teoria literária, ser proficiente em língua inglesa ou conhecedor da língua padrão? Basta lidar plenamente com recursos tecnológicos digitais? Basta respeitar e considerar as práticas de letramento de cada aluno? Basta ser especialista em educação especial? Se nada disso basta, quando o professor estará formado para lidar com o contexto contemporâneo de ensino e aprendizagem? Que tipo de formação teremos que oferecer aos futuros docentes e aos atuantes para que seja possível realizar um trabalho significativo na prática? São essas problemáticas que levantaremos neste pôster.

A formação de professores de português como língua estrangeira/adicional na Universidade de Brasília (UnB): experiências, projetos e parcerias

Kleber Aparecido da Silva (UnB)

A internacionalização tem feito parte da agenda atual de pesquisas desenvolvidas sob a perspectiva da Linguística Aplicada Crítica (LAC) nas Instituições de Ensino Superior do Brasil (SILVA, 2018; FINARDI, 2016; SARMENTO e ABREU-E-LIMA, 2016). Nesse contexto, as universidades buscam formas de atrair estudantes do exterior, bem como firmar convênios para intercâmbios de estudantes, professores e pesquisadores. À parte os aspectos positivos desse cenário – como a troca de informações e a preparação

de profissionais aptos a lidar com mudanças ininterruptas em diversas realidades culturais –, é preciso que atitudes bilaterais façam parte desses acordos. Além disso, não se pode abrir mão da qualidade da formação inicial/continuada oferecida a professores de português como língua estrangeira/adicional. Comprometida com essas questões, esta comunicação pretende discutir temas de relevância para a formação educacional internacionalizada, a partir da LAC e da Pedagogia Crítica (SILVA, 2018; RAJAGOPALAN, 2015; PENNYCOOK, 2001) e tendo como escopo as nossas experiências acadêmico-profissionais (re)construídas na Universidade de Brasília (UnB), a partir de atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação no “*Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagens*” (GECAL) cadastro e aprovado no CNPq). Para tal intento, visa-se problematizar as seguintes questões: i) o que concebemos por internacionalização crítica?; ii) como implementar em nossos Instituto de Ensino Superior políticas propositivas de internacionalização?; e iii) quais as ações e perspectivas críticas de internacionalização empreendidas pelo GECAL (UnB e CNPq) e quais são os resultados das pesquisas realizadas a partir de um paradigma crítico? (SILVA, 2018). Assim, as experiências e as reflexões que interfacearão esta comunicação pretendem contribuir para que a internacionalização não seja assumida de forma subserviente, com os países avançados ditando as regras do que julgam que deve ser feito na ciência (SILVA, 2018; NÓBREGA, 2016). Busca-se incentivar ações mais contundentes que assegurem a qualidade educacional nas práticas de internacionalização, a partir de elementos que nos darão condições de esboçar uma política propositiva pautada no ensino e na formação de professores de português como língua estrangeira/adicional em contextos de globalização e de internacionalização (SILVA e TORRES, 2013).